

CAMPUS REPÓRTER

2015 • ANO 10 • EDIÇÃO 16 • FACULDADE DE COMUNICAÇÃO • UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA



Bolsa Família

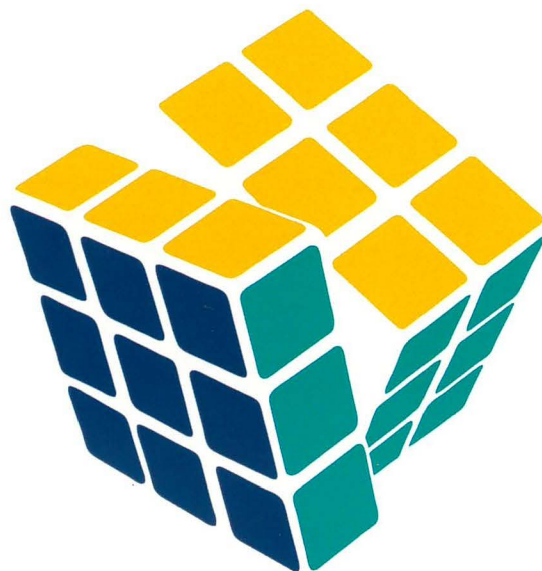
Reportagem percorre os caminhos dos beneficiados por recursos públicos

Sol Nascente

Um projeto do GDF para moradia popular desaloja moradores da periferia

Entrevista

Nilson Lage, das teorias jornalísticas ao ativismo nas mídias sociais



UnB.FUTURO

A Universidade propondo soluções para uma sociedade melhor

Com a presença de personalidades das áreas da Educação, da Cultura e da Ciência e Tecnologia, a Comissão UnB Futuro tem promovido debates sobre como aprimorar a Educação Superior e a Sociedade.

As atividades têm mobilizado professores, especialistas, técnicos e estudantes de graduação e de pós-graduação em atividades presenciais e à distância. Todas as sessões e eventos relacionados também estão disponíveis no portal da Comissão UnB.Futuro.

Acesse
www.unbfuturo.unb.br



Carta da editora

ESTA EDIÇÃO DA CAMPUS REPÓRTER traz um olhar sobre a vida social em diversos aspectos. Nossa reportagem de capa é sobre a vida de pessoas que dependem dos recursos do Bolsa Família para sobreviver e educar os filhos na área rural do Distrito Federal. Outra história neste mesmo caminho, e também no DF, diz respeito à vida dos que foram expulsos pelo poder público da área que ocupavam, na periferia da Favela Sol Nascente, para naquele lugar ser construído um conjunto habitacional para população de baixa renda.

A tecnologia social para aproveitamento, uso e reuso da água é mostrada por meio de fotorreportagem, com foco na transferência de conhecimento de integrantes de uma organização não-governamental para agricultores assentados na região de Alto Paraíso, em Goiás. Também é preocupação social, com a segurança de vida, o tema da reportagem sobre turismo na Cordilheira dos Andes, na região de Arequipa, no Peru.

Os espaços de fala, na entrevista da edição e nas páginas dedicadas à arte foram entregues ao saber sênior de dois decanos, referência, cada um em seu campo de atuação. O primeiro é o jornalista Nilson Lage, professor titular aposentado da UFSC e referência bibliográfica no jornalismo, que, em entrevista por videoconferência aos alunos/repórteres da revista em Florianópolis e Brasília fala sobre sua conversão ao mundo digital. O outro é o artista de múltiplas habilidades Antonio de Lisboa Miranda, diretor da Biblioteca Nacional de Brasília e professor titular e emérito aposentado da UnB, encarnado em seu alter ego, o Barão de Pindaré Júnior no poema que ocupa nossas páginas dedicadas à arte.

Brasília, julho de 2015

MÁRCIA MARQUES
Diretora-executiva



Sol Nascente

6

Peru

18

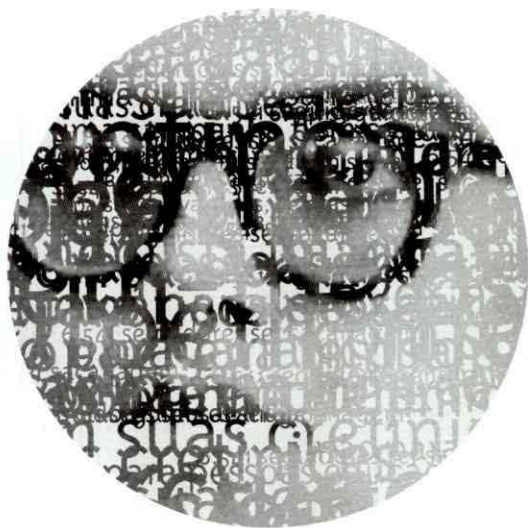


Bolsa Família

28

Sítio Bela-Vista

40



Entrevista
Nilson Lage

52

Barão de Pindaré Jr.

60



Entre os escombros, o fim de um sonho

Texto

LUCAS LUDGERO E VITOR SALES

Fotografia

EDUARDO CARVALHO

Diagramação

JÉSSICA MARTINS E LAÍS SINÍCIO



Barracos de madeira e alvenaria brotam do chão, assim como as árvores do cerrado, retorcidas e empoeiradas. O residencial Nova Jerusalém, localizado no bairro Sol Nascente, em Ceilândia, nasceu do sonho de mais de 460 famílias de possuir uma casa. Em março, após determinação do Governo do Distrito Federal, as habitações foram derrubadas



Uma igreja pode ser um ambiente acolhedor e muito melhor estruturado do que uma casa feita de madeirite. Pode ter um teto branco que em nada se parece com o cinza de telhas. Paredes pintadas bem diferentes das que muitas vezes nem de tijolos são feitas. Fora as grandes janelas de vidro que contrastariam imensamente com as feitas de ferro simples e barato. O brilho das cerâmicas também não lembra em nada um chão de terra batida. Tem ainda o vento frio da madrugada, que um ambiente fechado isola, mas as fendas de um barraco não. No entanto, apesar de parecer muito mais cômoda, igrejas não são lares. As mais de quatrocentas casas do Residencial Nova Jerusalém que foram derrubadas eram o que essas famílias chamavam de lar.

Lucidalva Anjos Alemar, 45, conta que a voz do pastor avisava que era a hora de recolher os colchões. O culto ia começar. Era preciso escondê-los e trazê-los novamente quando todos fossem se deitar. Durante duas semanas, Lucidalva, a família dela e muitas outras viveram assim no espaço concedido pelo pastor Renivaldo Alves na Igreja Assembleia de Deus — Ministério Alfa, em Ceilândia.

Dalva, como prefere ser chamada, morou em Águas Lindas, município do estado de Goiás, por 20 anos. Pagou aluguel nessas duas décadas. Um dia, viu pela televisão que estavam ocupando uma área no condomínio Sol Nascente, em Ceilândia. Resolveu mudar-se para Brasília com os três filhos e a mãe, na tentativa de garantir um pedaço de terra para a família naquela invasão.

Chegando à ocupação, Dalva conseguiu uma área de cinco metros para ela, e outros dois espaços, um para a filha mais velha e um para a mãe, também de cinco metros. A área, até então inóspita, se tornou o Residencial Nova Jerusalém, localizado no setor P Sul, pelas mãos dos novos ocupantes.

Lucidalva morou com a família durante duas semanas na Igreja Assembleia de Deus, em Ceilândia. Muitos dos móveis que tem hoje foram doações da igreja



“Mãe, foram esses aí que derrubaram nosso barraco, né?”, diz Daniel quando vê a polícia na TV. É a lembrança que o menino que sorri para a câmera tem daquele dia



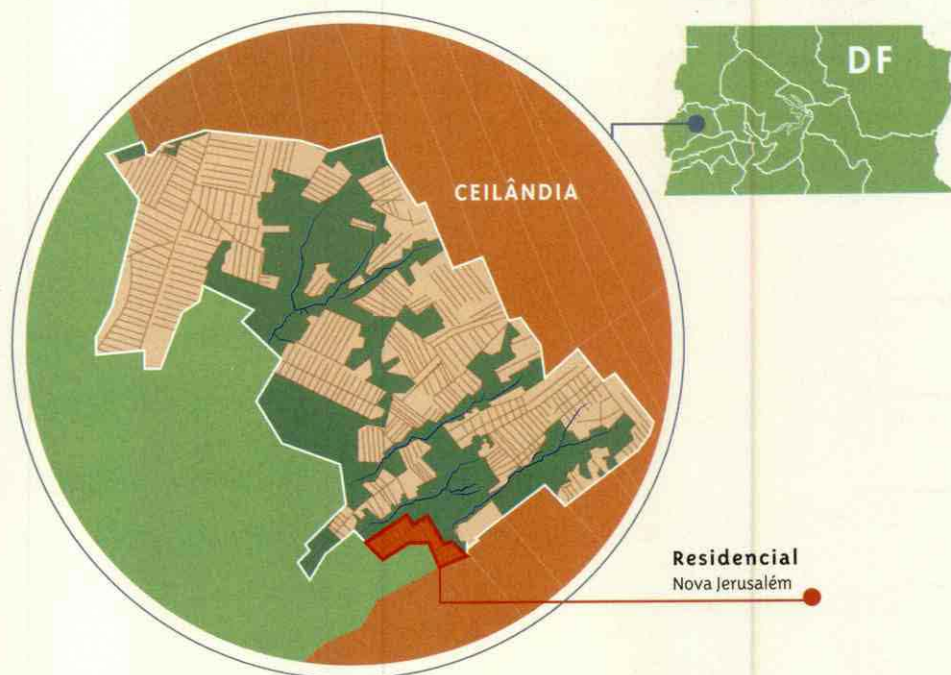
Por um ano e um mês, viveram todos na região. Postes foram levantados e a luz chegou. A água ainda não era encanada, mas dava-se um jeito. Padarias, mercadinhos foram instalados... O comércio crescia aos poucos. Mas todo o esforço dos moradores acabou sendo em vão depois que, por ordem do Governo do Distrito Federal (GDF), todas as casas foram derrubadas nos últimos dias 2, 3 e 4 de março. As casas de Lucidalva, da filha e da mãe não foram poupadas. Com os pertences na rua, elas tiveram que procurar um lu-

gar para ficar. Dormiram por dois dias em frente ao Ginásio Poliesportivo da Ceilândia e chegaram a procurar um albergue, mas não passaram do primeiro dia: “era uma situação horrível, ficávamos misturados com drogados e mendigos e eu tenho um filho pequeno”, conta Lucidalva.

Há pouco mais de um mês ela e a família vivem em um apartamento alugado no P Sul, um bairro de Ceilândia, com exceção da mãe, que voltou para Águas Lindas. O local tem quatro cômodos e a família paga R\$ 500 pelo espaço. Só a

8
•
GR
9

Setor Habitacional Sol Nascente



Residencial
Nova Jerusalém



filha do meio trabalha e ganha R\$ 700: “sobram 200 reais, tira 60 para a luz e 100 ela paga um celular porque o dela foi roubado. Sobram só 40 reais. Nós vamos comer como? Estamos comendo porque a igreja também está nos dando”, lamenta Lucidalva.

A família luta agora por um auxílio-aluguel concedido pelo Centro de Referência da Assistência Social (Cras) no valor de R\$ 600, mas há muita burocracia. Ela se queixa das exigências do Cras: “Eles estão me pedindo o número dos documentos pessoais da proprietária desse apartamento em que estamos morando e eu a conheço há pouco tempo e fiquei sem jeito de pedir”, alega. Lucidalva resolveu a questão depois de explicar a situação à dona do apartamento que cedeu os dados. Aguarda agora a decisão do órgão.

A filha mais velha de Lucidalva, Soraia Anjos Aleamar, tem 22 anos e um filho de 3 anos, Daniel Anjos Nascimento. Ela conta que o filho ficou sem uma peça de roupa para vestir depois que o seu barraco em Nova Jerusalém foi derrubado: “Tive que pedir roupa emprestada para uma vizinha porque perdi todas as do meu filho na correria de tirar tudo de dentro de casa”. Soraia lembra que o filho usou roupas de crianças de 6 anos e que tudo ficava muito largo. Ela relembra ainda o trauma que a cena da derrubada das casas causou ao seu filho. “Ele não pode ver polícia na televisão que fala: ‘mãe, foram esses aí que derrubaram nosso barraco, né?’”.

Soraia e a mãe queixam-se também da falta de cuidado do governo com os pertences dos moradores. Elas contam



que perderam um aparelho de DVD, o vídeo game do filho de Soraia e até dinheiro. “Me roubaram 700 reais”, afirma Lucidalva. Elas exigem que o governo pague pelo o que foi perdido. “Eles derrubaram lá, mas não vão derrubar a gente.”

O cenário de guerra que traumatizou o filho de Soraia poderia ter saído de algum conflito longínquo no Oriente Médio, mas a situação também é descrita por Cecília Maria Cordeiro, 43, outra ex-moradora do residencial. “Jogaram spray de pimenta em frente à minha casa. No meio da confusão um pai foi mostrar o seu bebê desmaiado por causa dos gases à repórter, ela se desesperou por causa da fumaça, e saiu correndo.”

Da casa perdida persistem as dívidas deixadas e carnês a serem pagos com o salário apertado de Cecília, que é auxiliar

de limpeza. A cobrança ressuscita todos os meses. “Ficamos desesperados, porque não tinha lei que parasse. Estavam colocando nossas coisas para fora e nisso muitos saqueadores roubavam, ‘carregaram’ muita coisa do povo. Tive que faltar duas ou três vezes no trabalho, me mandaram embora por causa disso. No dia que foram derrubar, eu estava sem água, sem telefone e sem luz há três dias. Não deixavam a gente religar os postes. Não havia como pedir para minha mãe me ajudar, não tinha como eu chamar ninguém. Hoje, estou devendo cinco mil, sete mil. Perdi areia, telhas, porta, geladeira”, conta.

Catando os pedaços que restaram do sonho de ter o seu lar, a ex-funcionária da rede de fast food Giraffas desenha na mente os cômodos do que era sua casa.



“Não estragou os meus brinquedos porque eu tirei”, rememora Pedro, de apenas 5 anos, filho de Daphne



Uma sala e um banheiro de alvenaria pela metade. Para os filhos, quartos grandes eram planejados. Cecília tem três filhos, um de 17 anos, um de 18 e um de 20. Todos estão desempregados. Ela lamenta não ter dado aos filhos a criação que sonhou para eles: "Todos criados nas casas dos outros. Pensão eu nunca tive, cada um é de um pai diferente. Nem vou atrás, eles (os pais) estão pior que eu". A auxiliar de limpeza conta que a casa em Nova Jerusalém já estava toda pronta: "Era um cômodo, mas estava construído. Era na época que eu trabalhava no Giraffas, a batalha lá era bem grande e minha mãe me ajudou muito. E tudo que peguei com ela eu vou pagando devagarzinho".

Um sonho fixo percorre todos os pensamentos de Cecília: uma moradia própria. Muitos planos foram traçados, dinheiro e tempo foram investidos em cooperativas que prometiam mundos e fundos. "Eu tenho inscrição na Codhab (Companhia de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal), mas essa não é primeira invasão que eu enfrento. Eu achei que por eu estar nos critérios do governo pensei que iria ficar lá. Eu tinha muita esperança. Na época que o secretário (subsecretário de Ordem Pública e Paz Social, coronel Alexandre Silva), foi lá, ele falou que só as próximas ao córrego seriam derrubadas. Lá era minha moradia, se minha mãe não me abrigasse, hoje eu estaria na rua", lamenta Cecília, que ocupa um pequeno barraco improvisado na casa da mãe.

O relato de todos os ex-moradores ouvidos pela revista Campus apontam a crueldade por parte do GDF na ação de derrubada das casas e a falta de aviso prévio. Daphne Lemos Pereira, de 23 anos, relembra o dia: "Eu fui muito firme com eles para poder eles esperarem, se não teriam passado por cima mesmo. A casa era de madeirite, mas era meu lar", lamenta.

“

Eu fui muito firme com eles para poder eles esperarem, se não teriam passado por cima mesmo. A casa era de madeirite, mas era meu lar

Daphne Lemos Pereira, 23

Daphne morava no residencial há oito meses. Ocupa agora outra área no Sol Nascente, que também é uma invasão. Ela e o marido estão desempregados e não possuem condições de arcar com um aluguel. Daphne se queixa “que o dinheiro já não é muito”, e que o que gastou para construir sua casa foi derrubado sem piedade: “Entre construção e adaptações feitas para melhorar foram uns 500 reais. Perdi chuveiro, armário de cozinha, antena”, enumera.

A ex-moradora do residencial Nova Jerusalém é mãe de um menino de 5 anos, Pedro Lemos Pereira. Assim como Soraia, ela conta que o filho também presenciou a cena e lembra à mãe o episódio presenciado sempre que vê algo semelhante na TV. Com o vocabulário simples de uma criança ele relembra o dia: “Eu vi o trator e o policial derrubou. Não estragou os meus brinquedos porque eu tirei”. Daphne explica que a vontade é voltar a morar lá e que espera que as famílias que perderam suas casas sejam vistas como realmente são: “O que foi falado é que a gente era grileiro e que estávamos lá só para ganhar dinheiro e não é assim, existem famílias honestas lá”, explica.

No dia 2 de março, cerca de 150 moradores do Residencial Nova Jerusalém ocuparam todas as vias da pista S1, no Eixo Monumental, para cobrar a regularização de lotes da invasão. Eles permaneceram durante toda a manhã em frente ao Palácio do Buriti, sede do governo do Distrito Federal, mas não houve acordo com o poder público.



Os ex-moradores
alegam que quando
chegaram a área
estava abandonada
e o mato era alto.
Os terrenos foram
demarcados e eles
construíram aos
poucos os barracos

Segundo o GDF, a área foi demarcada e aprovada para a construção de escolas. Sem a retirada das construções irregulares, justificaram os técnicos do governo, não seria possível fazer obras de drenagem e pavimentação no Sol Nascente nem utilizar R\$ 41,5 milhões destinados pela Caixa Econômica Federal para o início das obras. A Agência de Fiscalização do Distrito Federal (Agefis)

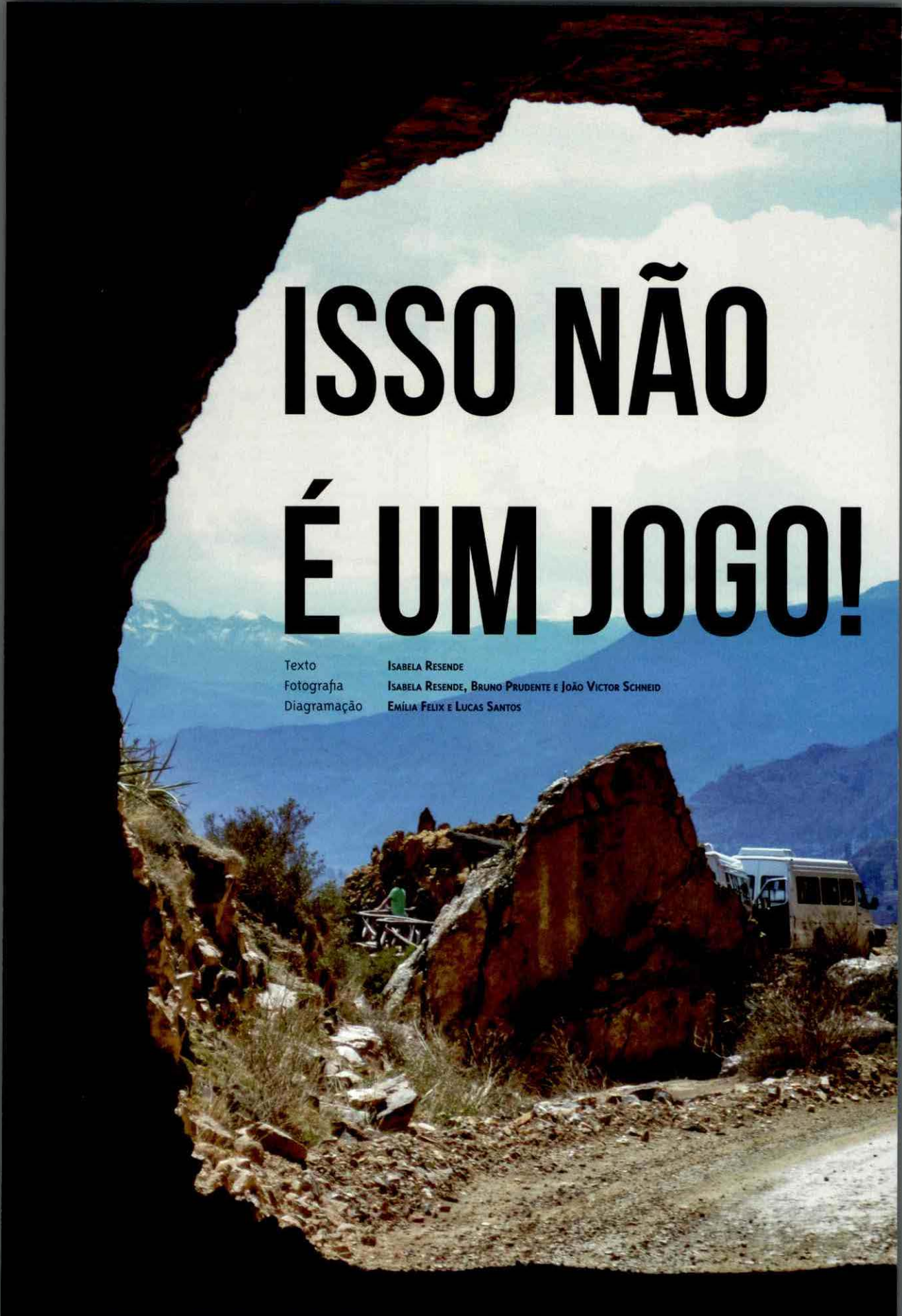
informou que apenas 20% das residências que ocupavam área pública irregularmente no Residencial Nova Jerusalém estavam habitadas. Os outros 80% seriam para especulação imobiliária. Ainda segundo a agência, em algumas das casas não havia móveis ou sinais de ocupação. A maior probabilidade é que os pequenos cômodos tenham sido construídos para demarcação de território.





A favela teima em crescer

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o Sol Nascente tinha 56,5 mil moradores. A região estava abaixo somente da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, que tinha 69,1 mil habitantes. Dados da administração regional de Ceilândia, baseados em pesquisa realizada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan) em 2013, apontam que o Sol Nascente junto com o Pôr do Sol, também em Ceilândia, tinham somados 78.912 moradores. No entanto, líderes comunitários afirmam que atualmente o setor habitacional é ocupado por mais de 110 mil pessoas. O que torna a região a segunda maior favela da América Latina não é a renda, mas a falta de infraestrutura.



ISSO NÃO É UM JOGO!

Texto

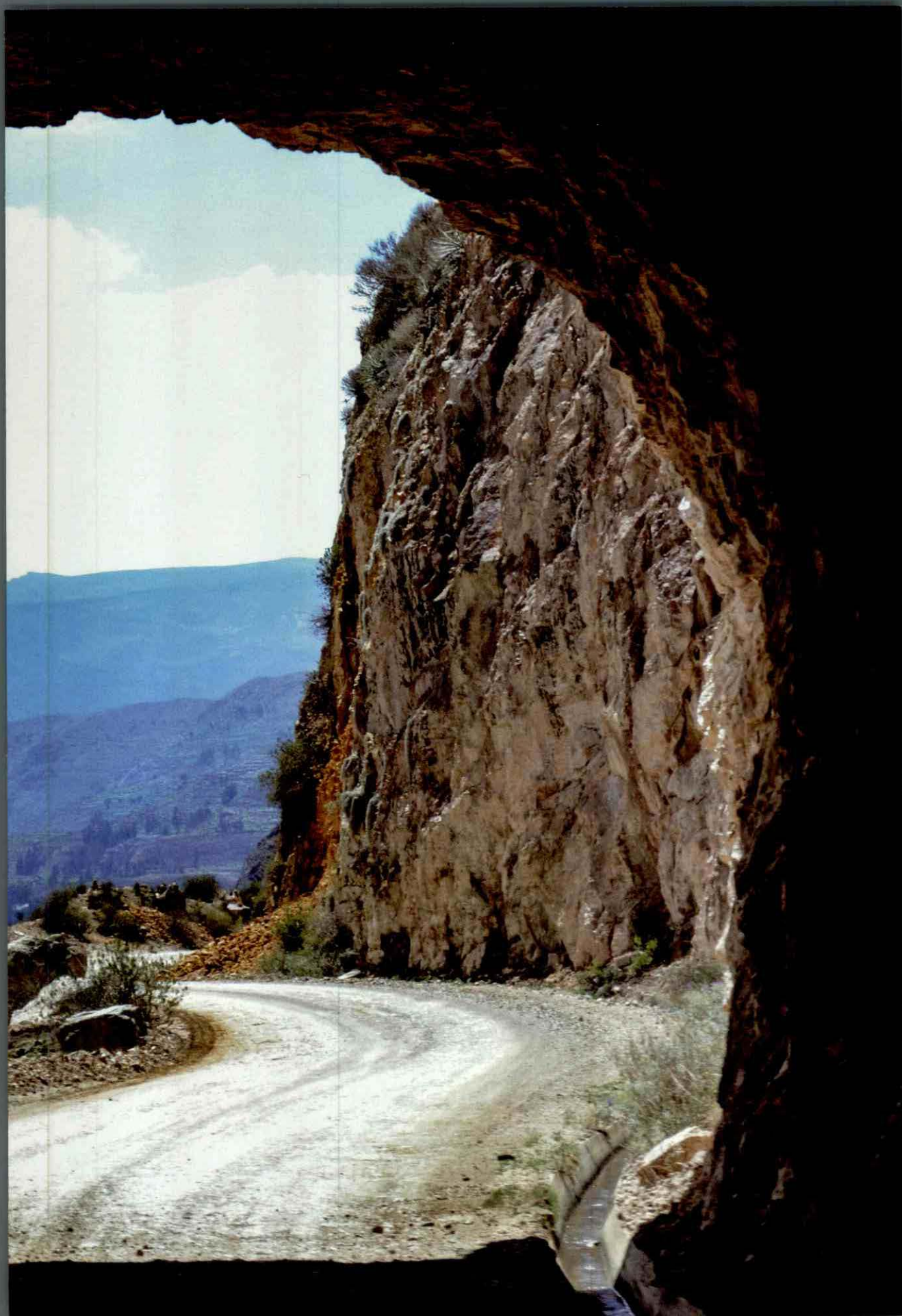
ISABELA RESENDE

Fotografia

ISABELA RESENDE, BRUNO PRUDENTE E JOÃO VICTOR SCHNEID

Diagramação

EMÍLIA FELIX E LUCAS SANTOS





O Peru é um país com muitas paisagens de tirar o fôlego. Arequipa, que recebe mais de 200 mil turistas por ano, e é ponto de aclimação para passeios em regiões mais altas nos Andes, como Cusco e Machu Picchu, oferece roteiros belíssimos, mas também esconde perigos para os aventureiros de primeira viagem





Os caminhos sinuosos do Vale do Colca escondem muitos perigos que podem afetar a viagem do turista desavisado

ERAM QUATRO HORAS da manhã, uma van se deslocava da cidade de Arequipa até o distrito de Cabanaconde, um dos 20 que compõem a Província Caylloma, na região de Arequipa. O veículo levava turistas para conhecer o Cânion do Colca, o mais fundo do mundo, com 4.100 metros de profundidade, em uma viagem que deveria durar três horas e meia.

A grande variedade de ecossistemas é uma característica típica do Peru. A paisagem composta por diferentes tipos de vegetação, montanhas e deserto se tornava visível à medida que o dia ia nascendo. Enquanto vicunhas — habitantes dos elevados platôs dos Andes na América do Sul, da mesma família das lhamas, e ameaçadas de extinção — corriam em bando pelos pastos secos, o sol começava a refletir a geleira no topo das montanhas de até 6.000 metros de altitude. A sensação de descobrir um mundo repleto de novas informações inflamava as emoções dos jovens da van.

Em meio a risadas e burburinho, a empolgação dos visitantes foi interrompida. O guia da excursão, Nestor Sender, 31, que até então dormia no banco da frente do veículo, virou-se para trás: "Yo no sé lo que esperan ustedes deste tour, pero no és un tour fácil. Necesitan dormir y descansar. És um tour difícil, muchas personas no pueden hacerlo y muchas personas lloran por el dolor en el camino. ¡ Eso no és um juego!*" Assustados, perceberam que não se tratava apenas de belas paisagens, e que provavelmente não soubessem exatamente que tipo de passeio estavam prestes a fazer. Decidiram obedecer e tentaram dormir.

* **TRADUÇÃO LIVRE:** Eu não sei o que vocês esperam desse tour, mas não é um tour fácil. Vocês precisam dormir e descansar. Muitas pessoas não conseguem fazer o tour, muitas choram por causa de dor durante o caminho. Isso não é um jogo!

Conhecendo o Colca

Escondido entre as montanhas, a imensidão do Vale do Colca é silenciosa, como se a própria natureza em volta respeitasse a sua imponência. Nem os turistas que visitam o local ousam quebrar a paz que gira em torno do lugar. Até porque é necessário concentração para encará-lo. Seus habitantes principais são os condores, os maiores pássaros do mundo — grandes aves negras que podem chegar a ter três metros de largura. Além deles, também existem poucos moradores e alguns dos 220 mil turistas que visitam Arequipa e se aventuram na descida.

Quando a van finalmente parou, os jovens puderam ter uma dimensão do que de fato os esperava. Composto por duas longas cadeias montanhosas divididas pelo Rio Colca (que tem a mesma nascente que o Rio Amazonas), o cânion chega a 4.100 metros de altitude. São 12 quilômetros, aproximadamente sete horas de descida, no primeiro dia. Seis quilômetros, cerca de três horas e meia de subida, no segundo dia. O retrato natural era muito diferente do construído pelos vendedores da agência.

“Como as pessoas decidiram ir de trekking, eu achei que seria legal. Tinham nos falado que não tinha como dormir sem ser de trekking. Então, eu e o Murilo — meu namorado — decidimos ir dormir, para passar o final de semana fora, pra gente aproveitar”, conta a estudante de direito, brasileira, Gisele Ghanem Cardoso, de 22 anos, sobre a visita ao Vale.



PERU AREQUIPA

Em Arequipa, muitas agências não informam aos turistas sobre os possíveis riscos dos passeios pela região. Vendem os serviços sem explicar que não podem ter problemas de coração, respiratórios, que tipo de roupa usar, a necessidade de preparação física.





Gisele, assim como muitos jovens que visitam o país, procurava uma aventura que pudesse lhe proporcionar boas memórias com os amigos. No entanto, a lembrança que deveria ser boa foi marcada por momentos difíceis, fruto da irresponsabilidade de agências turísticas despreparadas. “No começo do Colca, eu não sabia o que ia ser direito, sabia apenas que era um cânion. Sabia que tinha uma caminhada, mas ninguém explicou exatamente o que era o trekking. Eu acho que eles presumem que todo mundo sabe o que é. Enfim, já tinha bota de escalada, vi que o pessoal se preparou, comprou as coisas, já ‘tava’ tudo certinho” conta Gisele.

Mesmo percebendo a dificuldade, Gisele seguiu o roteiro. “No começo, eu vi que ia ser ruim, mas na descida nunca é tão ruim assim. Nos três primeiros quilômetros desci com calma, porque tenho problema no joelho, mas não era nada demais, eu só tinha medo de cair caso meu joelho falhasse”, lembra. Foi exata-

mente o que aconteceu. Ela deslocou o joelho. “Doeu muito. O ruim é que lá não tem como sair, uma vez que tu entra ou tu caminha, ou tu espera um mula”, relata.

O caminho, que mal comporta duas pessoas lado a lado, torna inviável a entrada de qualquer tipo de veículo no cânion. A única alternativa em caso de emergência é ser levado de volta ao topo por uma mula. O medo de ter que passar a noite no local, até que o animal chegasse, e a falta de assistência médica fizeram Gisele decidir colocar o joelho no lugar por conta própria e caminhar até o pequeno hostel entre as montanhas.

Para voltar mais rápido, Gisele e Murilo fizeram um caminho diferente, optaram por uma subida muito íngreme. Depois de dois anos sem chuva, choveu no Colca. O que era para ser mais fácil, acabou sendo muito aterrorizante. No topo do morro, caía raio, chovia forte. “Eu nunca, na minha vida, tinha pensado que eu ia morrer. Nesse dia eu pensei: meu Deus, eu vou morrer”.

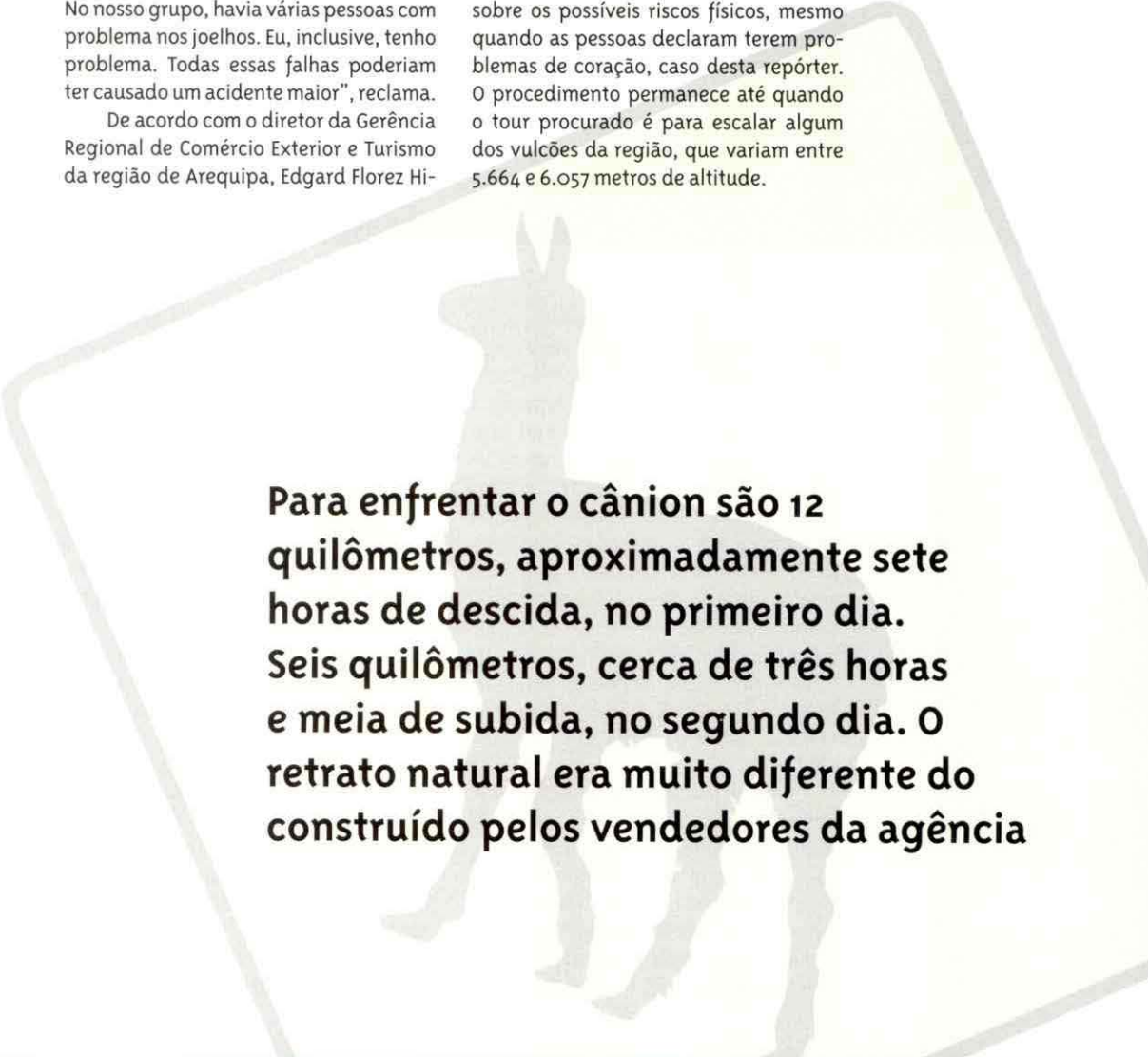


Gisele não foi a única a se frustrar com o passeio. Maria Carolina Barge, 23, estudante, também brasileira, relata a falta de suporte prestada pela agência. "Com certeza foi um dos lugares mais bonitos que eu fui na minha vida, mas em termos de serviço da agência foi desapontador. O olho cresceu muito quando eles viram um grupo tão grande (18 jovens) que não falavam bem o idioma. Faltou informação porque eles venderam um serviço sem explicar de verdade do que se tratava, que tipo de roupa, que tipo de preparação física. Faltou também preocupação de checar se todos tinham condições físicas de fazer aquilo, se alguém tinha problema de coração, problemas respiratórios, ou problema físico. No nosso grupo, havia várias pessoas com problema nos joelhos. Eu, inclusive, tenho problema. Todas essas falhas poderiam ter causado um acidente maior", reclama.

De acordo com o diretor da Gerência Regional de Comércio Exterior e Turismo da região de Arequipa, Edgard Florez Hi-

nojosa, é obrigatório que todas as agências tenham uma clínica vinculada que realize exames médicos nos clientes que desejam realizar o turismo de alpinismo da região, como o passeio do Colca. "É obrigatório que se certifiquem principalmente que os clientes não tenham problemas de coração", explica.

Apesar da existência de tais medidas, a imprudência por parte das agências de turismo local é alta. Preocupadas apenas com as vendas, muitas negligenciam as precauções de segurança. Arequipa conta com aproximadamente 220 agências oficiais, a maioria localizada na zona central da cidade. No entanto, mesmo legalizadas, muitas não seguem as orientações e não informam os turistas sobre os possíveis riscos físicos, mesmo quando as pessoas declaram ter problemas de coração, caso desta repórter. O procedimento permanece até quando o tour procurado é para escalar algum dos vulcões da região, que variam entre 5.664 e 6.057 metros de altitude.



Para enfrentar o cânion são 12 quilômetros, aproximadamente sete horas de descida, no primeiro dia. Seis quilômetros, cerca de três horas e meia de subida, no segundo dia. O retrato natural era muito diferente do construído pelos vendedores da agência





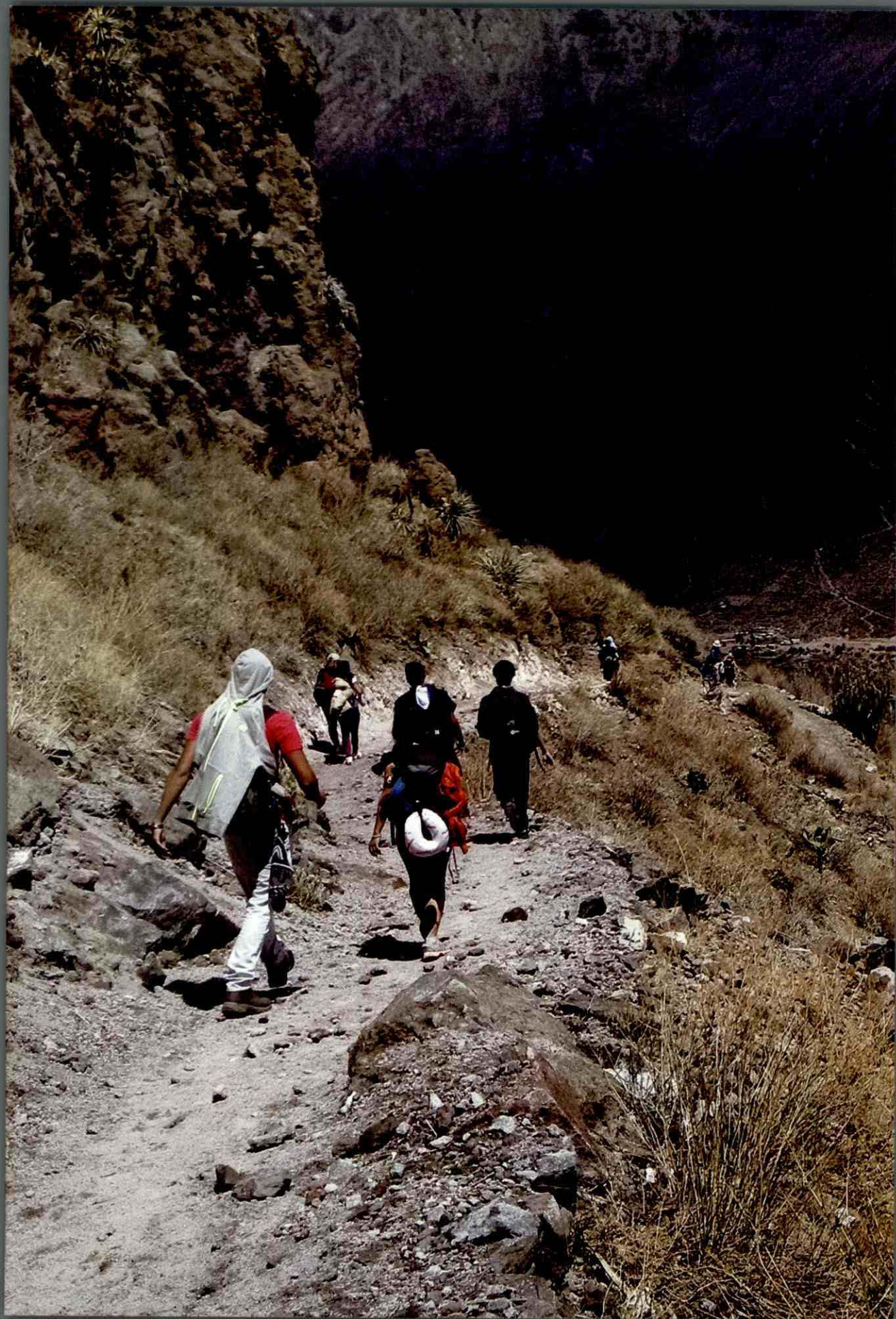
A agência Tours Class Arequipa (foto), responsável por oferecer o pacote que levou Gisele e Maria ao Vale do Colca, também não pediu exames. A dona, Luz Guerra, ao ser procurada se desculpou. Disse que não pedem exames médicos porque esperam que os turistas já saibam que tipo de passeio vão fazer. Também afirmou que provavelmente os atendentes se esqueceram de falar sobre os supostos riscos, mas que de agora em diante serão alertados para tomarem mais cuidado.

De acordo com o guia Nestor Sender, 30, profissional que trabalha há 10 anos com turismo, mais da metade dos turistas não estão preparados para realizar os passeios. "O cuidado de perguntar com que tipo de caminhada os turistas estão acos-

tumados, e saber se já estão aclimatados com a região, faria toda a diferença."

Além da falta de assistência por parte de muitas agências, outro fator de risco é a iniciativa que alguns deles têm de realizar passeios de alto risco por conta própria. Sem o conhecimento adequado e o apoio de alguém devidamente preparado, as chances de que algo aconteça é muito maior. Segundo o comandante da Polícia Nacional do Turismo de Arequipa, Freddy G. Marquina Lujuan, homem de aparentemente 50 anos, a maior causa de acidentes entre os turistas que visitam a região é justamente a imprudência. "Muitos turistas acreditam que nada vá dar errado e por isso são muito despreocupados e desatentos", afirma.







Tal comportamento se torna mais preocupante à medida que o número de turistas na cidade cresce a cada ano. Em 2014, Arequipa recebeu 220 mil turistas, do total de 1 milhão e cem mil turistas que visitaram o Peru. A cidade vem sendo usada como ponto de aclimação, devido a altitude mediana, 2.100 metros. Isso ajuda os turistas a se adaptarem gradativamente, ao invés de irem direto para Cusco, 3.600 metros, e Águas Calientes, 3.200 metros — cidade onde fica Machu Picchu. Com isso os pontos turísticos de Arequipa começaram a se tornar mais conhecidos e, portanto, mais visitados.

Dois chilenos, estudantes de enfermagem, Estevan Padilla, 22, e Gonzalo Pavuez, 22, resolveram fazer mochilão pela América do Sul nas férias de final de ano. Os dois confessaram ter feito a maioria dos passeios da viagem por conta própria, e como nada tinha dado errado, fariam o mesmo em Arequipa. De acordo com os jovens, as principais causas para essa escolha são o tempo curto e a falta de dinheiro. “Nós somos estudantes, então não temos muito dinheiro para pagar tours, mas sempre pesquisamos bastante antes de viajarmos”, conta Gonzalo.

No entanto, somente conhecer a região é insuficiente na hora de lidar com certos tipos de situação. Falta de placas e caminhos perigosos são frequentes em percursos nas cercanias da cidade. “Apesar das Cataratas serem maravilhosas e o caminho deslumbrante, o trajeto é muito perigoso. Eu e meu grupo de amigos nos perdemos devido à falta de sinalização. Por sorte conseguimos achar o caminho de volta”, conta a estudante de Relações Internacionais Júlia Borges, 18.

Segundo Flores, existe a campanha

de emplacamento, como projeto de sinalização turística, que deve ser completado em até dois anos. Por sua vez, o melhoramento das condições das trilhas não pode ser realizado de forma brusca para não agredir a paisagem da região, mesmo sendo uma medida necessária.

A Unidade de Salvamento de Alta Montanha se recusou a passar dados oficiais sobre o número de acidentes que acontecem no país. Mas histórias sobre quedas de penhasco, pessoas que se perdem e até desaparecem são bem comuns. Neste ano, o caso de uma jovem inglesa que se perdeu após resolver andar sozinha pelas montanhas da região, se desviando do caminho do grupo, ficou famosa por ter sido resgatada por um helicóptero. A jovem só conseguiu o auxílio porque o celular tinha sinal e ela pôde pedir ajuda. Outra jovem que caiu da mula, penhasco a baixo, ao tentar sair do Colca, também é bastante conhecida. De acordo com uma das guias oficiais de Macchu Picchu — outra região também muito montanhosa —, Daniela Soto, a média é de que uma pessoa por mês caia das montanhas no sítio arqueológico.

Mesmo com os relatos de acidentes, viajar não precisa ser sinônimo de perigo. O turismo de montanha pode ser muito bem aproveitado, desde que seja planejado e todas as medidas de segurança sejam adotadas. “As paisagens no Peru são magníficas, mas você precisa aprender a respeitar a natureza! O estudo e o apoio de pessoas e agências especializadas fazem total diferença na hora de aproveitar uma viagem. É muito melhor planejar as coisas de forma correta do que fazer com que seu passeio termine de forma desagradável”, conclui Júlia.

PELOS CAMINHOS DO BOLSA FAMÍLIA

Texto

Fotografia

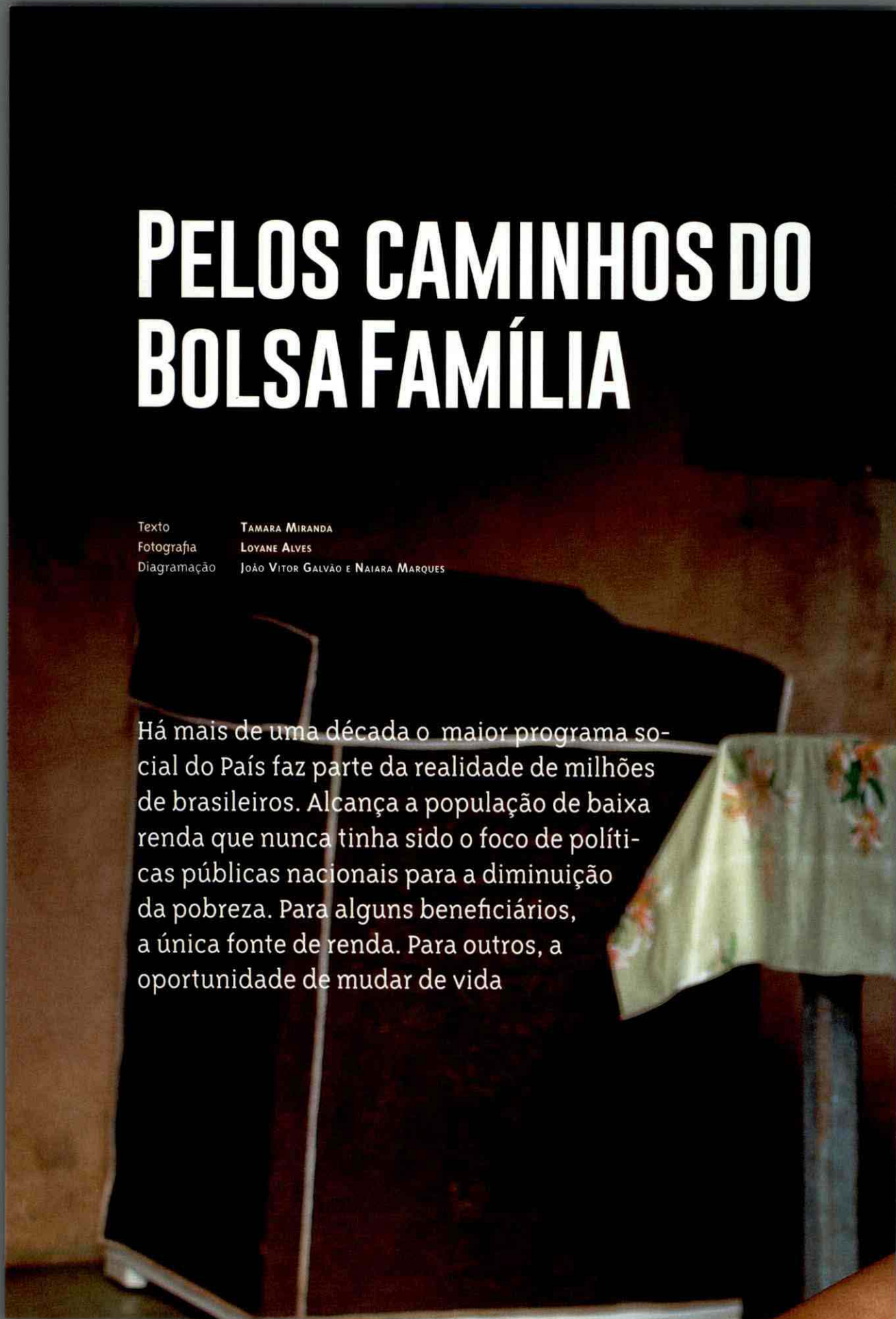
Diagramação

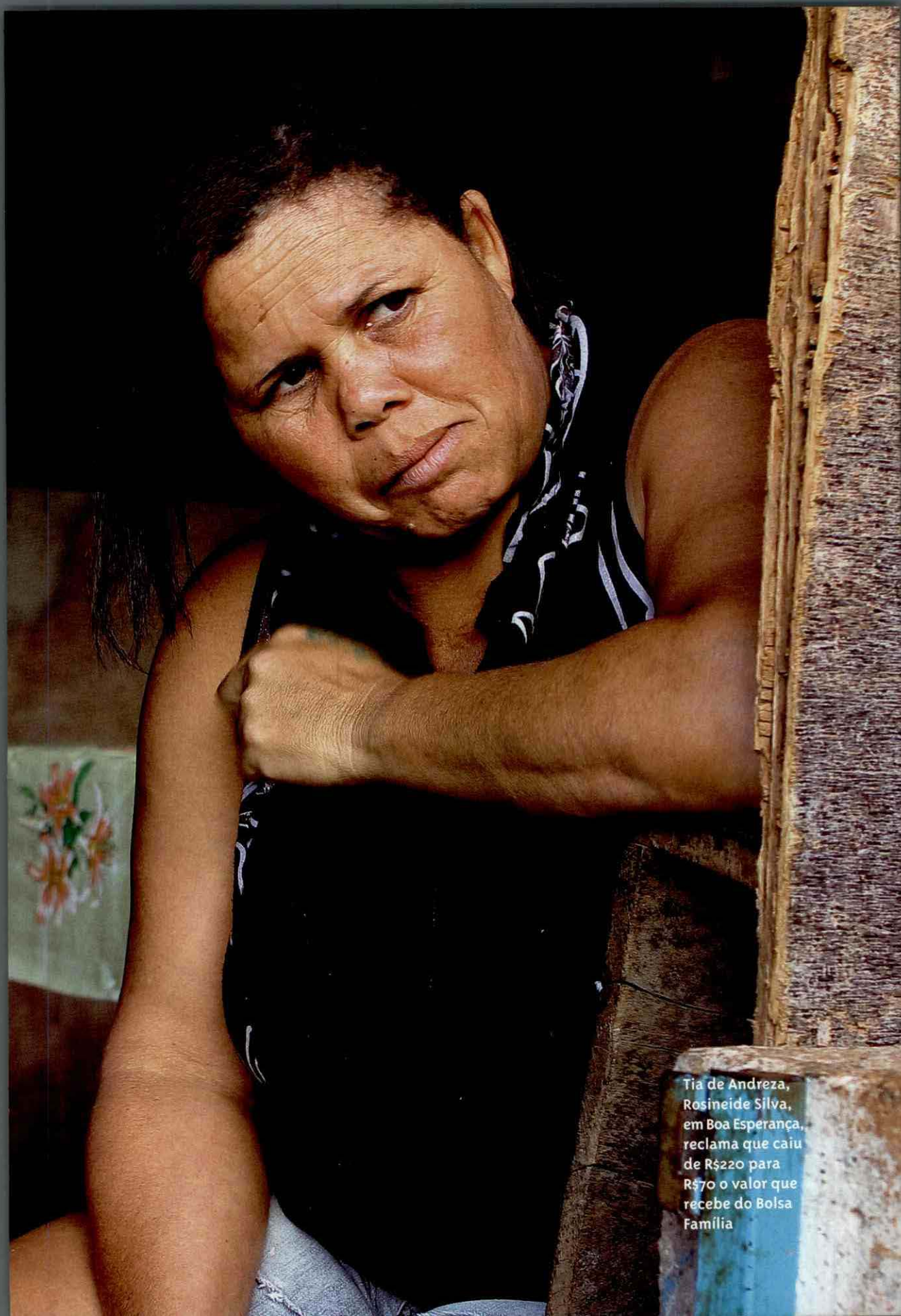
TAMARA MIRANDA

LOYANE ALVES

JOÃO VITOR GALVÃO E NAIARA MARQUES

Há mais de uma década o maior programa social do País faz parte da realidade de milhões de brasileiros. Alcança a população de baixa renda que nunca tinha sido o foco de políticas públicas nacionais para a diminuição da pobreza. Para alguns beneficiários, a única fonte de renda. Para outros, a oportunidade de mudar de vida





Tia de Andreza,
Rosineide Silva,
em Boa Esperança,
reclama que caiu
de R\$220 para
R\$70 o valor que
recebe do Bolsa
Família



NO MEIO DE GRANDES CHÁCARAS produtoras, pequenas propriedades formam um vilarejo, são casas simples com grandes quintais onde correm soltas galinhas, gatos e cachorros. Na área rural Boa Esperança, a 55 quilômetros do Plano Piloto, nas proximidades de Ceilândia, quase no limite do DF com Santo Antônio do Descoberto em Goiás, mora a família Alves da Silva. A propriedade não é grande, mas abriga as casas dos 10 filhos de Antônio, 73 anos, e Rosa, 71 anos. “Cheguei aqui tinha apenas 11 anos, vim de Goianésia para cá, chegamos aqui era só mato e nada mais”, explica a matriarca. “Aqui terra é muito cara. Depois que os meninos cresceram, o velho dividiu e deu um pedacinho para cada filho fazer uma casinha”. Todos os filhos de Rosa são beneficiários do Bolsa Família.

Uma das filhas é Madalena, 40 anos, uma mulher alegre, mas que sempre se emociona quando citam o “finado” Divino. Ele morreu em abril de 2014 e ela, que só o ajudava nas coisas da roça, teve que trabalhar, primeiro como diarista e agora como faxineira de uma escola da região. “A vida sem meu marido é muito difícil, ele que trazia o dinheiro para dentro de casa e morreu do coração, foi rápido”. Desde então, os R\$ 307,00 do benefício passaram a ser crucial no sustento dos três filhos. “Depois que o meu marido morreu, o Bolsa Família tem sido o meu alívio. É difícil admitir, mas hoje eu realmente dependo desse dinheiro para viver”. Com o benefício, Madalena diz que compra alimento, roupas e material escolar para as crianças.

Aislan Alves da
Silva, filho de
Andreza Alves
da Silva brinca
quando chega
da escola, em
sua casa, no
município de
Boa Esperança



O Bolsa Família é um programa de transferência de renda que entrega um valor em dinheiro, mensalmente, para famílias de baixa renda. Segundo a secretária Adjunta de Renda e Cidadania do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Letícia Bartholo, o Programa atua em três eixos principais. O primeiro é o alívio imediato da pobreza. O segundo é o cumprimento das condicionalidades ligadas à saúde e educação. O outro eixo são ações complementares para o desenvolvimento da família.

A sobrinha de Madalena é considerada o exemplo da família. Andreza, de 25 anos, é muito tímida, fala baixo, gesticula pouco e não gosta de fotos. Da sua geração, Andreza foi a única, entre amigos e familiares, que terminou o ensino médio e agora está cursando o terceiro semestre de Direito. "Aqui na região só tem escolas até o ensino fundamental, o ensino médio tem que ser feito em Taguatinga e muita gente desiste", conta. As desistências se davam, principalmente, por causa do transporte.

A região é afastada e o sistema de transporte é precário. No primeiro ano, Andreza pegava o primeiro ônibus às 11h e ia em direção ao terminal do Setor O, na Ceilândia, onde pegava outro ônibus em direção a Taguatinga. "Na hora de voltar

que era triste. Saía às 18h e só chegava em casa às 22h, antes disso não tinha ônibus. Nessa época eu não fazia dever de casa e sim dever de parada", explica Andreza.

No terceiro ano do ensino médio o ônibus que fazia linha para o Boa Esperança foi retirada. "Tínhamos que pedir carona até os condomínios e na hora de voltar ela vinha a pé com o barrigão", conta Aparecida, 48 anos, mãe de Andreza. A caminhada era de mais ou menos seis quilômetros, e a adolescente, que na época tinha 17 anos, estava grávida. "O bebê só ia nascer depois que eu já tivesse terminado, então fui e terminei logo os estudos, mesmo tendo que andar muito", conta Andreza.

Durante esse período o Bolsa foi usado para custear as passagens e alimentação de Andreza. "Mesmo ônibus sendo difícil, ainda tínhamos que pagar os passes estudantis. Dava um pouco mais de R\$ 50. Pegava o dinheiro e já deixava lá. O que sobrava comprava uniforme, material escolar e dava para ela comprar lanche na escola", conta Aparecida.

Depois de sete anos de dedicação materna, em 2014, Andreza decidiu voltar aos estudos. "Em 2013 eu resolvi fazer o Enem para testar os conhecimentos e tirei uma boa nota. Como meu filho tinha ido para escola de tempo integral, resol-

“

Vejo esse povo que diz que se a gente não recebesse o Bolsa Família ia morrer de fome. Eles pensam que a gente vive só com esse dinheirinho

Paula Aparecida da Silva, 34

vi estudar”, conta. “Eu queria Nutrição mas na Católica eles não aceitaram nem a nota do Enem nem a renda do Bolsa Família, me senti um pouco discriminada, mas aí fui para a segunda opção e estou fazendo direito no Iesb”.

O curso está sendo custeado por meio do Programa de Financiamento Estudantil (Fies). As dificuldades ainda são grandes, o Bolsa Família do filho de oito anos ainda é uma das principais fontes de renda da família. “O dinheiro dele é dividido, metade para as coisas dele, metade para as minhas despesas com a faculdade”, conta Andreza. Aparecida conta com a determinação da filha. “Ela é muito determinada, pega o ônibus 7h, sempre chega atrasada. Fica estudando a noite toda, fazendo trabalhos. Tem dia que não tem dinheiro nem para lancha porque tem que imprimir trabalho. Na época que as mangueiras estão carregadas ela sai catando para levar”, conta a mãe, transbordando orgulho.

Na contramão da sobrinha, Ana Maria, 42 anos, tirou os dois filhos de 16 e 19 anos da escola para ajudar nas despesas da casa em 2014. Ela não tem marido e

vive da renda que recebe trabalhando como doméstica. “Os meninos nunca foram bons na escola e nos últimos anos ficaram pior. Eles tiram notas baixas e já reprovaram vários anos”, explica Ana Maria. “O dinheiro que eles trazem para casa estava fazendo falta”. Madalena não concorda com a postura da irmã. “Meus meninos podem até não virar nada na vida, mas da escola eu não tiro, não acho justo tirar as oportunidades deles”.

Para continuar recebendo o benefício, a família tem que manter crianças e adolescentes na escola. No ensino fundamental é necessário 85% de presença, e no ensino médio, 75%. É necessário, também, manter o cartão de vacina das crianças atualizado e atendimento médico em dia. Para as grávidas, o atendimento pré-natal é obrigatório.

Em 2015 os filhos de Ana Maria voltaram para as salas de aula. Mesmo com os filhos afastados por um ano dos estudos, a mãe não perdeu e nem teve abatimento no valor do benefício. O cadastramento do Bolsa Família é feito a cada dois anos e no período de afastamento o benefício não precisou ser cadastrado.

**Aparecida Silva
e seu neto Aislan
da Silva na casa
da família em
Boa Esperança**

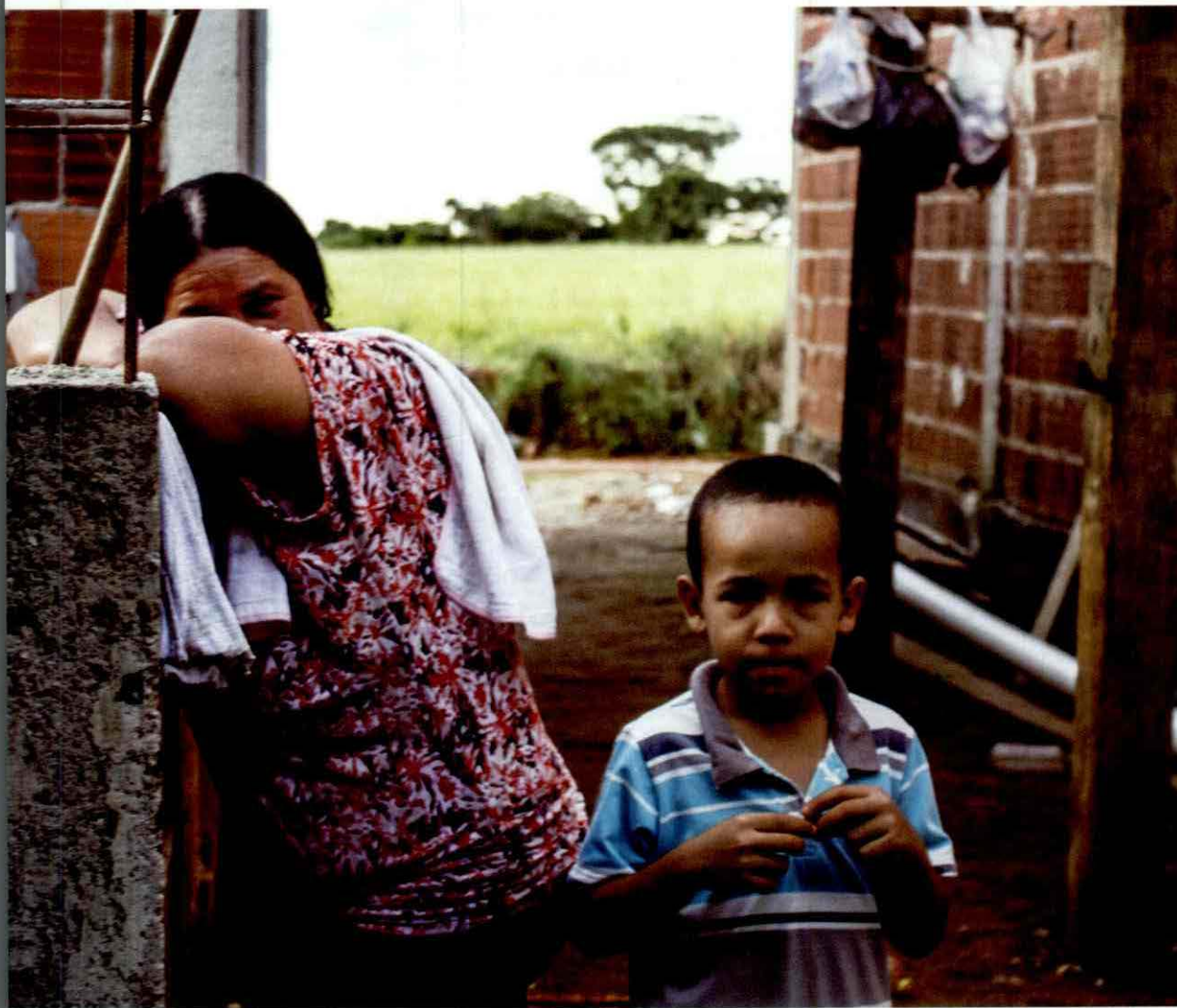


Outra filha de Rosa, Rosineide, de 39 anos, tem três filhos, dois deles em idade escolar, recebia R\$ 220 reais de benefício, mas depois do cadastramento passou a receber apenas R\$ 77. Ela diz não entender o motivo do corte. "Nós vamos buscar informações e eles não explicam nada, dizem que é assim mesmo, que a renda cresceu". Rosineide confessa que a renda cresceu. "Antes de casar eu vivia do Bolsa Família, era maior o benefício. Hoje quem coloca as coisas em casa é meu marido, ele que mantém a casa".

A filha caçula, Paula, 34 anos, tem dois filhos na escola, um de nove e outro de seis anos. Ela se mostra orgulhosa ao contar que o mais velho nunca repro-

vou e que o caçula já sabe ler e escrever. "Eles estudam na escola integral e lá se aprende as coisas rapidinho", conta. Ela trabalha como diarista e o marido como ajudante nas chácaras da vizinhança. "Vejo esse povo que diz que se a gente não recebesse o Bolsa Família ia morrer de fome. Eles pensam que a gente vive só com esse dinheirinho. Tem quem viva, mas para mim, ele só ajuda, se a gente não trabalhar a gente não come, porque só esse dinheiro não dá", desabafa Paula.

Além das dificuldades pertinentes à criação de uma política pública de grande abrangência, um dos maiores desafios enfrentados pelo Bolsa Família, nesses 12 anos de existência, é o preconceito.



“Eram especulações sobre como as famílias usariam o dinheiro, se as pessoas se acomodariam, se o Programa seria usado de forma eleitoreira. O preconceito trava o espectro de visão das pessoas, elas só querem falar sobre o que está errado”, explica Letícia Bartholo. “O Bolsa é muito criticado internamente, mas reconhecido mundialmente”.

Chegar ao Córrego das Corujas, outra área rural do DF, é uma aventura. O primeiro desafio é achar a estrada de terra que leva à região. As ruas esburacadas do setor P norte, a 37 quilômetros do Plano Piloto, levam a um matagal. Entre mato e entulhos é possível ver uma placa que indica a direção da única escola do local e o começo da estrada de terra. É impossível aumentar a marcha. Durante quatro quilômetros só se vê uma vegetação alta e densa, logo depois aparecem as primeiras propriedades. São pequenas chácaras cercadas de arame farpado e portões de madeira improvisados.

Em uma dessas chácaras mora Valéria Souza e Valdeci dos Santos. Uma pequena casa sem reboco se destaca no meio da terra vermelha da região. Do lado direito da casa, uma horta de aproximadamente 40 m² fornece alface, couve, cebolinha e coentro. Do lado esquerdo, plantação de mandioca e bananas.

Grudada nos pais sempre está a esparta Sulamita, de 5 anos. Ela observa tudo com seus olhos grandes. A pequena cicatriz nos lábios e a dificuldade da fala são consequências de uma má-formação congênita denominada fenda palatina.

A filha mais velha do casal, Talita de 13 anos, tem dificuldades de aprendizado e ainda cursa o 5º ano. Em 2014 ela começou a frequentar uma escola de ensino integral e fazer acompanhamento psico-

pedagógico. “Os professores falaram que ela melhorou muito, a gente não sabe, eu só estudei até a quarta série e ele só sabe escrever o nome”, conta Valéria.

A filha mais nova começou a estudar e agora a mãe, 32 anos, se divide entre a chácara, onde fica sexta, sábado e domingo, e uma pequena casa na invasão do Sol Nascente. Valdeci dos Santos, de 50 anos, além de cuidar do seu quintal e criações, faz pequenos bicos nas chácaras da região. O Bolsa é a única renda fixa da família e o dinheiro é usado basicamente com alimentação. “Compro um alimento, um gás, uma sandália. Qualquer coisa que precisar, mas mais o alimento”, conta Valéria.





Sulamita segue seu pai nas atividades da chácara. Valdeci Santos arranca mandioca da plantação que mantém no quintal

O BOLSA EM NÚMEROS

12 anos de existência

13.980.524 pessoas já foram beneficiadas pelo programa

0,4% do Produto Interno Bruto é investido no programa

75% dos adultos beneficiados estão no mercado de trabalho formal e informal, de acordo com dados do MDS

3,1 milhões de pessoas saíram voluntariamente do programa até o ano de 2010

4 milhões de pessoas deixaram de receber o benefício desde 2013

30% foi o recuo médio do número de filhos das mulheres mais pobres quando beneficiadas pelo programa. A média brasileira foi de 20,17% de redução

A participação no Programa depende da renda, o rendimento da família deve ser de até R\$ 77 por pessoa, quando não há crianças, e de até R\$ 140 por pessoa em famílias com crianças ou adolescentes. O valor do benefício varia de acordo com a composição da família e idade das pessoas. O valor mínimo que pode ser recebido é o de R\$ 77.

Santos é sorridente e mostra as coisas que conseguiram comprar com os R\$ 312 que recebem do Programa. "A gente não tinha televisão, nós compramos e pagamos tudinho com o dinheiro do Bolsa. A geladeira, o fogão e o guarda roupa também. Sem ele a gente não podia fazer prestação. Tem mês que conseguimos tirar um salário mínimo, mas tem mês que nem um real. Agora o dinheiro do Bolsa é certinho, sempre cai na mesma data".

Uma das características do Bolsa Família é a inserção das famílias beneficiárias na economia. Os gastos com o Programa representam apenas 0,4% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro e, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), para cada R\$ 1 investido gira no consumo das famílias R\$ 2,4, e é adicionado ao PIB R\$ 1,78.

Em 2015, um relatório do Fundo Monetário Internacional (FMI) reconheceu que o Programa foi fundamental para o Brasil superar a extrema pobreza. Em entrevista à BBC Brasil, o coordenador de Campanha e Políticas da ONG ActionAid, Ben Phillips, ressaltou que o Bolsa Família é um programa de transferência de renda, e como tal, não é suficiente para diminuir a desigualdade social de forma sustentável. Ele tem que fazer parte de um pacote de medidas que deve incluir acesso a empregos, melhores salários e educação.

O modelo de implantação e gestão do Programa foi adaptado em 19 países do mundo, como por exemplo Chile, México, Índia e Marrocos. Segundo o Banco Mundial, o Programa tem a combinação perfeita para incentivar os beneficiários a trabalhar: baixo valor transferido ligado a condicionalidades na área de educação e a integração de outras políticas públicas, principalmente de saúde.

Foi aproveitando esses incentivos que Neiva Oliveira encontrou a porta de saída do Programa. A baiana de 51 anos foi uma das primeiras mulheres a receber o Bolsa Família em Salvador. Mãe de três filhas nunca contou com a ajuda dos pais e criou as meninas com muito trabalho. Quando começou a receber o benefício, em 2004, estava desempregada e vivia de bicos. "Eu fazia uma faxina aqui, lavava umas roupas ali e daí eu levava a vida e criava minhas meninas", conta.

Depois de conseguir um emprego como auxiliar administrativa, em 2011, Neiva devolveu o cartão do Programa. "O benefício me ajudou muito, mas não acho justo ficar com ele agora que já não preciso mais", justificou.

O maior orgulho de Neiva é ver as três filhas trilhando o caminho do ensino superior. A filha Rebeca, de 27 anos, está no 7º semestre do curso de enfermagem. Fabiana, de 24, estuda administração e trabalha na Nestlé, empresa onde pretende fazer carreira. Já Priscila, de 22 anos, é casada e voltou para a faculdade de medicina veterinária depois de ter trancado por um ano para cuidar do filho que nasceu em 2014.

As meninas da Neiva estudam com Bolsas do Programa Universidade para Todos (ProUni). Neiva também está cur-





42% dos beneficiados têm menos de 18 anos

85% de frequência é exigida aos alunos do Ensino Fundamental para se manter no programa. No Ensino Médio a exigência é de 75% de frequência

79,7% é a taxa de aprovação dos beneficiados no Ensino Médio. Entre os não beneficiados a média é de 75,5%

7,4% é a taxa de evasão escolar entre os beneficiados no Ensino Médio. A média brasileira é de 11,3%

R\$2.342.866,00 foram investidos no programa. As bolsas são calculadas de acordo com a renda da família

R\$167,56 é o valor médio recebido pelos beneficiados

sando o ensino superior com uma bolsa. Ela está no terceiro semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo "Em 2012 eu fiz um curso de desenho e topografia no Pronatec e vi que gostava da coisa, fiz o Enem em 2013 e agora consegui uma bolsa na Unijorge", conta.

Em 12 anos de programa, 3,1 milhão de pessoas foram aos Centros de Referência de Assistência Social (Cras) e devolveram o benefício por conta própria. Outras quatro milhões deixaram de receber os benefícios do Programa desde 2013. Os motivos são os mais variados, mas passam por aumento de renda, não cumprimento das condicionalidades e revisão cadastral não concluída.

O Programa já formou uma primeira geração de beneficiários. Dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2012 apontam que os estudantes do Bolsa Família têm desempenho escolar melhor e também menor taxa de abandono. No Ensino Médio, a taxa de aprovação dos beneficiários do Bolsa Família é de 79,9%, enquanto a média nacional é de 75,2%. A taxa de abandono é de 7,1% entre os be-

neficiários do programa, ante 10,8% da média nacional. No Nordeste a diferença é ainda maior. A desistência de beneficiários fica na casa de 7,7% enquanto a média dos outros estudantes é de 17,8%. "Nós temos pela primeira vez no país os alunos do Bolsa Família, que são os alunos mais pobres, chegando ao ensino médio, com rendimento superior ao dos outros alunos da escola pública", explica a secretária Letícia Bartholo.

Pablo Vieira, 22 anos, mora em uma casa de dois quartos com os pais e o irmão de quatro anos. Ele estudou em escolas públicas de Taguatinga e está cursando o 7º semestre do curso de Letras na UnB. Seus pais estudaram até a quarta série. O pai é cortador de mármore e a mãe trabalha como doméstica, porém sem carteira assinada, o que permitiu que a renda ficasse dentro dos valores exigidos para receber recursos do programa.

Na casa de Pablo o dinheiro foi investido basicamente nos estudos. "A renda nunca foi alta, mas meus pais trabalhavam, então o dinheiro do Bolsa era todo investido em mim. O dinheiro



era empregado em materiais escolares, cursos e gastos da escola". Durante o ensino fundamental ele foi beneficiário do Bolsa e conta que muitas vezes se sentiu incomodado com os olhares dos colegas de classe. "Eu estudava no CEF 11 em Taguatinga e lá as pessoas eram muito diferentes na questão social. Nos dias que as equipes iam à escola pesar, fazer exame de vista e essas coisas, só chamava eu e mais uma ou duas pessoas. Era constrangedor porque eu sentia os olhares e escutava os risinhos, éramos caracterizados como coitadinhos".

Ao terminar o ensino médio ele não sabia que curso faria, queria licenciatura, mas tinha dúvida entre Química e Letras.

"Escolhi Letras Português e já estou pensando na segunda graduação, ainda não sei se vai ser Letras Espanhol ou História, gosto das duas", observa Pablo.

Além de estudar, o jovem faz decoração de festas infantis e aluga uma cama elástica que comprou há alguns meses. "Sempre fui muito ativo, comecei a estagiar com 15 anos e já trabalhei em muitos lugares, já fiz muitas coisas e quero fazer outras tantas".

"Eu acho que o Bolsa Família é um importante programa de renda, sou super a favor. Minha única crítica é sobre existir uma educação financeira para que as pessoas possam encontrar mais rápido a porta de saída do Programa", conta.



Talita conta que não gostava da orientação pedagógica, hoje ela diz que melhorou muito nos estudos

38
CR •
39

Quando foi lançado, os idealizadores e estudiosos do Programa fizeram previsões de melhoras no nível educacional das famílias beneficiadas. O primeiro objetivo alcançado foi um número maior de jovens terminando o ensino médio. "Além das melhorias que já esperávamos, o Bolsa nos trouxe inúmeras surpresas positivas, entre elas podemos destacar o número de filhos do programa que estão pulando etapas, saindo de pais analfabetos ou semi-alfabetizados e estão indo para o ensino superior", conta Letícia.

Na opinião da secretária Letícia Bartholo, esses resultados registrados são reflexo de anos de trabalho e de aperfeiçoamentos implementados no Programa, a partir das experiências. "O Bolsa Família contribuiu para que as pessoas tivessem mobilidade social e junto com outras políticas públicas para que elas de fato ingressassem na universidade. Se o programa fosse feito sozinho e não se aprimorasse ao longo dos anos, com certeza não teríamos esses efeitos", observa.

TRAMAS PELA SUSTENT

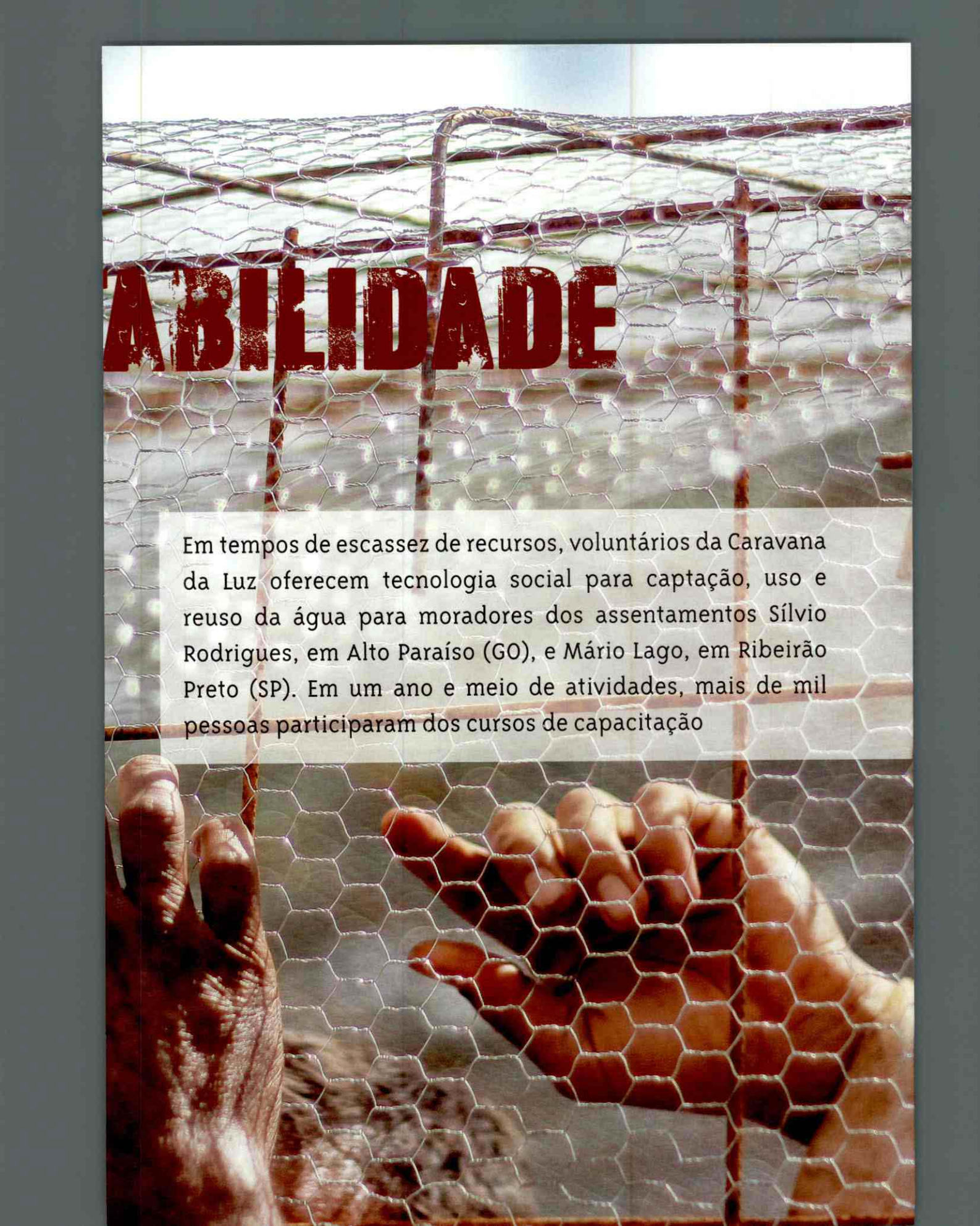
Texto e

Fotografia

Diagramação

JÉSSICA GOTLIB

LUISA BRETAS E MARIA LUÍZA DINIZ



SUSTENTABILIDADE

Em tempos de escassez de recursos, voluntários da Caravana da Luz oferecem tecnologia social para captação, uso e reúso da água para moradores dos assentamentos Sílvia Rodrigues, em Alto Paraíso (GO), e Mário Lago, em Ribeirão Preto (SP). Em um ano e meio de atividades, mais de mil pessoas participaram dos cursos de capacitação



Em abril de 2015, começava a 17ª edição da Caravana da Luz no assentamento Silvio Rodrigues a 67 km do centro urbano de Alto Paraíso

Permacultura é um sistema de símbolos para criar ambientes sustentáveis e que utiliza conceitos como os mostrados na foto. O método serve de base para as atividades da Caravana da Luz



Nesta edição foi
construída uma
cisterna para coleta
de água de chuva.
Na foto, voluntários
amarram a tela que
formará a estrutura
interna da caixa





O piso da cisterna é impermeabilizado e nivelado. O custo com materiais fica entre R\$ 1,2 mil e R\$ 3,2 mil – valor que depende da região

Os voluntários ficaram hospedados na casa de dona Val, que enterrou essa bicicleta no jardim





Construir a cisterna é processo cheio de etapas e detalhes. Na foto, Breno, que integra a Caravana da Luz, ensina como amarrar a estrutura de arame para criar o reservatório

Isaias Reis, um dos idealizadores do projeto, conta que as primeiras edições foram feitas com dinheiro de rifas e dos voluntários, até que conseguiram patrocínio em um edital da Petrobras

44
•
45





Para ampliação do projeto, há oferta de vagas para pessoas que não moram no assentamento. Todos se reúnem no início e final de cada dia de trabalho

Os participantes recebem orientações para começar os trabalhos do dia. Eles são divididos em grupos, para otimizar a execução das tarefas.





Com capacidade
para armazenar até
26 mil litros de água,
a caixa começa a
tomar forma

46
•
47

Depois da instalação
do esqueleto de
arame, serão feitas
camadas de cimento
que formarão a
estrutura final





Em quatro dias de curso, orientados por voluntários, os alunos aprendem a construir sistemas de fossa séptica e para captação de água da chuva



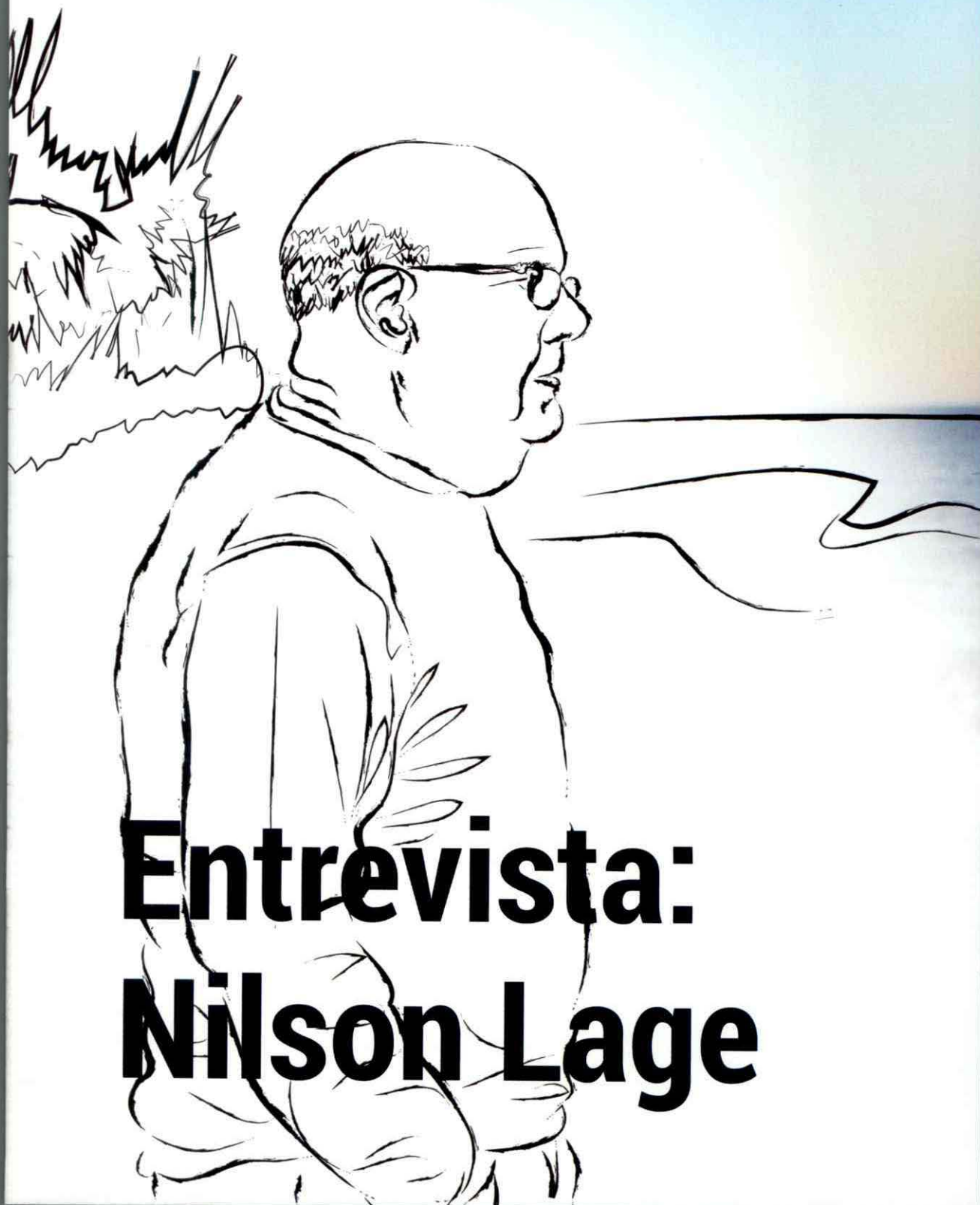


O contato entre
pessoas é uma das
maiores vantagens
apontadas pelos
participantes. Quem
vem de fora acampa
no sítio de um dos
assentados

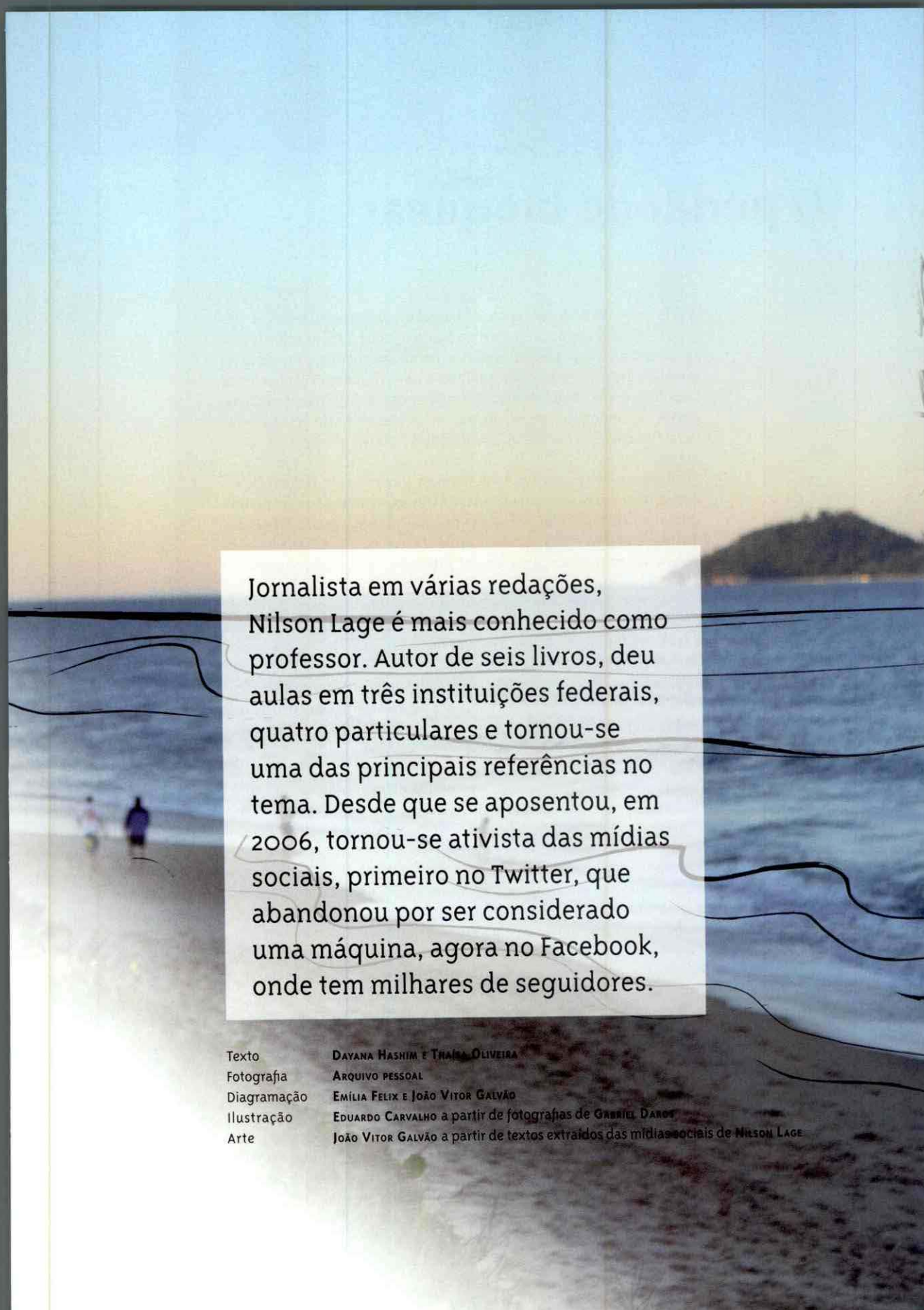




Algumas famílias, como a do senhor Santana, tinham de andar até 3 km para conseguir água para atender às necessidades básicas. O sistema dele foi construído em janeiro de 2013 e funciona até hoje



Entrevista: Nilson Lage



Jornalista em várias redações, Nilson Lage é mais conhecido como professor. Autor de seis livros, deu aulas em três instituições federais, quatro particulares e tornou-se uma das principais referências no tema. Desde que se aposentou, em 2006, tornou-se ativista das mídias sociais, primeiro no Twitter, que abandonou por ser considerado uma máquina, agora no Facebook, onde tem milhares de seguidores.

Texto

DAYANA HASHIM E THAÍRA OLIVEIRA

Fotografia

ARQUIVO PESSOAL

Diagramação

EMÍLIA FELIX E JOÃO VITOR GALVÃO

Ilustração

EDUARDO CARVALHO a partir de fotografias de GABRIEL DARDI

Arte

JOÃO VITOR GALVÃO a partir de textos extraídos das mídias sociais de NILSON LAGE

Perfil

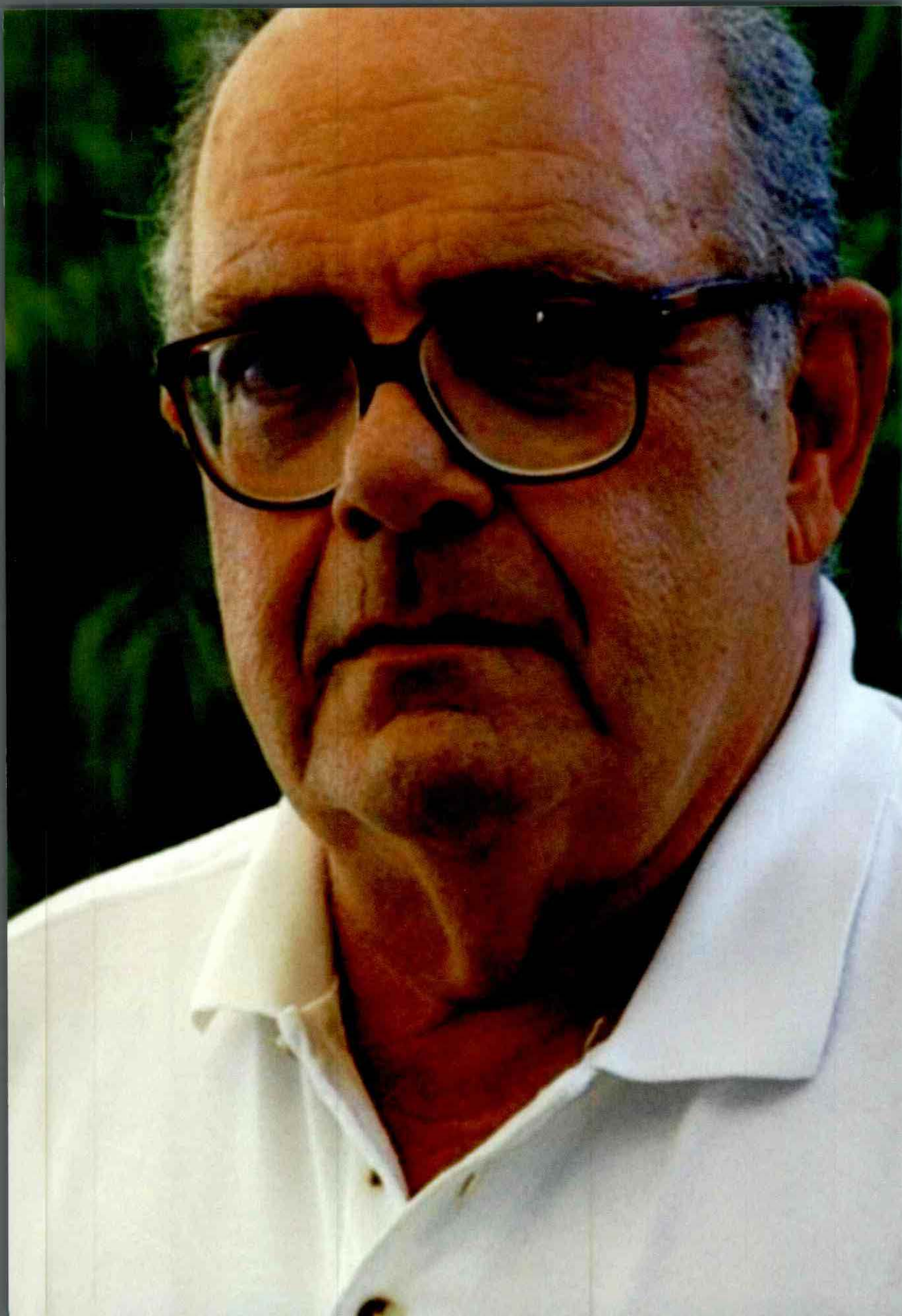
O poder de bloquear

A vida profissional de Nilson Lage é marcada pelo acaso. O primeiro emprego em jornal veio aos 19 anos no Diário Carioca. Entrou como repórter de polícia e logo passou a redator. Depois, despertou o interesse do Jornal do Brasil e, em seguida, do Última Hora, de Samuel Wainer, onde trabalhou como editor até 1967. Era redator-chefe da Revista Manchete, em 1971, quando recebeu convite para ser professor na Universidade Federal Fluminense. "Faltava quem entendesse a técnica", diz.

Formado em Letras Português-Russo pela Universidade Federal Fluminense, depois de estudar medicina por três anos, dedicou-se à Comunicação no mestrado. A primeira obra foi publicada por acaso, depois que distribuiu cópias a alunos interessados. "Um deles, que trabalhava na Editora Vozes, pegou a cópia, editou, preparou o livro e trouxe as provas prontas com um contrato pra eu assinar". Assim saiu 'Ideologia e Técnica da Notícia'. Em 1977, ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro como professor adjunto, onde lecionou por quase 15 anos. Com a saída conflituosa da instituição, tornou-se professor titular em 1991 da Universidade Federal de Santa Catarina e mudou-se para Florianópolis. Aposentado por limite de idade em 2006, divide-se entre a casa-escritório, na qual passa boa parte do dia, e a casa de frente para o mar, vizinha de Guga Kuerten, em que vive com a esposa, Nildes.

Aos 78 anos, dois problemas físicos o atormentam: a falta de visão do olho esquerdo — consequência de um descolamento de retina causado por uma cirurgia irresponsável — e a doença pulmonar obstrutiva crônica, fruto de anos de tabagismo. No dia desta entrevista, ainda se recuperava de uma pneumonia e a tosse era persistente. Chegou à universidade — local escolhido por ele — pontualmente no horário marcado. Retornava de um encontro com universitários em Brasília e alternava queixas sobre a mudança repentina do clima com detalhes da viagem. "Pagam minha passagem para eu ir nesses eventos e poderem falar 'Olha a múmia aí! Trouxemos'." A capacidade de debochar de si mesmo, o humor ácido e a inteligência aguda transparecem no perfil do Facebook.

O ingresso nas mídias sociais se deu primeiro pelo Twitter, em 2009, o qual abandonou, com pesar, cinco anos depois. "Desculpem-me os 6.541 seguidores, mas saio do Twitter. Quase tudo que escrevo ele rejeita alegando que sou máquina. Só pode ser sacanagem", publicou em dezembro do ano passado. Como a internet, à essa época, já assumia ares de terapia, migrou imediatamente para o Facebook. "É a primeira vez que escrevo o que penso. Sem me preocupar. Tô pouco me importando. Não gostou? Dane-se. Discordou, eu bloqueio. Me xingou, eu bloqueio. Diz que não, eu bloqueio. Acabou-se. Quer argumentar, a argumentação inteligente, eu discuto como o diabo. De qualquer maneira, essa é uma oportunidade única que tive."



Campus Repórter — Em tempos de mídias sociais, há caminho para o jornalismo?

Nilson Lage — O que não tem caminho é o jornal. O jornalismo tem. O problema do jornal, imediato, é, primeiro, suprimir as edições diárias. Passar a publicar menos dias por semana. Em segundo lugar, é fundir as unidades gráficas. Seria uma solução muito mais inteligente do que cortar na redação. A longo prazo, eu não creio que o jornal desapareça. Ele vai ter que se adaptar. A mídia eletrônica oferece uma oportunidade fantástica. Você pode fazer um jornalismo que se invoque para segmentos. Tanto etários, quanto de assunto, e com uma abrangência grande. Ao invés de pensar na totalidade do público, pensar em públicos específicos. E, dentro desses públicos específicos, fazer um jornalismo decente.

CR — A jornalista, e blogueira, Cynara Menezes, fez artigo outro dia afirmando que o lide morreu. O lide morreu?

O lide é uma estrutura de construção na notícia. A notícia é um gênero do jornalismo, a notícia não é o jornalismo. O lide se baseia em um princípio. Não tem nenhuma base literária. Ele se baseia em um princípio comum da pessoa que narra à outra um evento. Por exemplo, você está andando na rua e vê um camarada bater a carteira de uma senhora. Você encontra adiante um amigo e diz: "Eu vi um camarada bater a carteira de uma senhora". Em suma, você começa pelo mais importante. Este mais importante, da relação pessoal, "Eu vi um camarada bater a carteira de uma senhora". Ele [o amigo] sabe quem você é, sabe quando isso aconteceu, porque você está narrando em seguida, sabe o lugar em que isso aconteceu. Se você vai comunicar isso a uma pessoa que não está ali, que não sabe quem é você e que não sabe o que aconteceu, você vai ter que dizer onde aconteceu, como aconteceu, quando aconteceu e o que aconteceu. Isso não é lide, isso é Aristóteles. O que, como, quando, onde.





CR — E o “porquê”?

NL — O porquê é um acréscimo. Remete a uma coisa chamada causa, e causa não existe no mundo. Causa é uma criação humana. A causa é sempre complexa e problemática. Por isso Aristóteles não colocou a causa em seu modelo lógico. A proposição completa aristotélica, que é o lide, tem esses termos. A novidade do lide é que ele começa com o que é mais relevante, o que também é normal. Se você abriu a porta da sua casa e tinha um cadáver na porta, você não vai dizer assim: “Eu abri a porta da minha casa e tinha um cadáver”. “Tinha um cadáver na porta da minha casa!” Você começa com o cadáver que é mais importante que a porta e é mais importante que você. É o mais atraente, é o mais relevante. Isso é uma estrutura quase que espontânea. Você encontra lide em textos de Machado de Assis.

CR — A Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014 mostrou que o Facebook é a principal fonte de notícias e informa-

ção para 30% das pessoas, na frente, inclusive, de grandes portais de notícias. Isto muda a relação entre o leitor e a notícia?

NL — É uma falácia dizer que o Facebook concorre com o jornal. Ele concorre dando informação familiar, daquele grupo que ele escolheu. Quando você quer saber se vai chover, você procura o site do jornal. Se quiser saber se a greve dos professores vai sair ou não, vai no site da Andes [Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior]. A falácia está na ambiguidade da palavra informação. Informação é aquilo que se acrescenta à sua formação. Quanto à inserção no Facebook de matérias do New York Times e outros veículos, quem vai escolher isso é o Facebook, provavelmente com base em suas preferências. As redes sabem cada vez mais da sua vida, e falam com você na maior intimidade. Vão procurar te atingir e construir um universo restrito para você. Ora, informação,

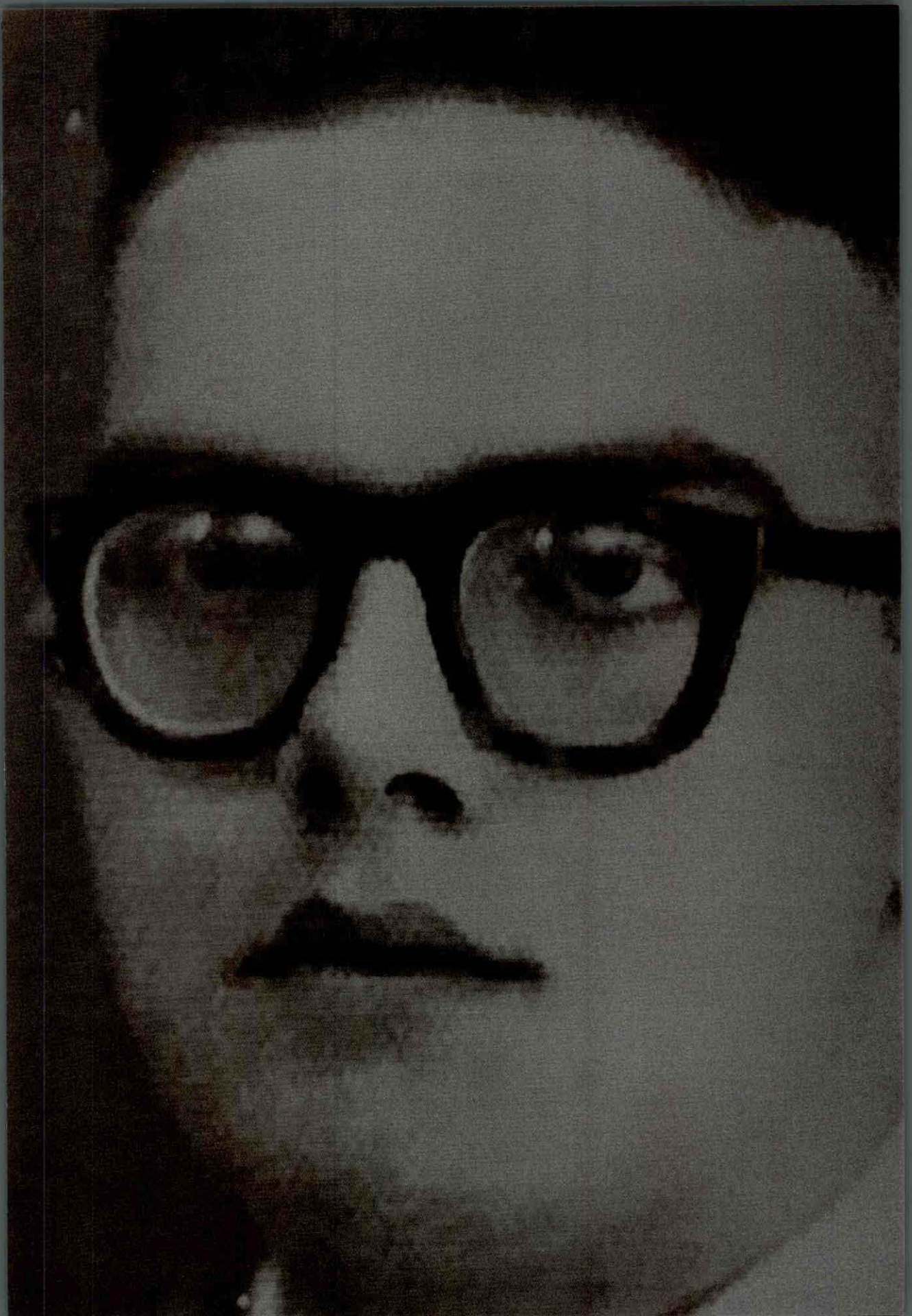
A cananga - conjunto de políticos, c...

em essência, é aquilo que não é restrito para você. Você procura o jornal para saber o que você não sabia.

CR – Em 1998, o senhor escreveu ‘Controle da opinião pública: um ensaio sobre a verdade inconveniente’. Nesse cenário de hoje, onde toda pessoa pode se tornar um produtor de conteúdo e competir com os meios de comunicação tradicionais - pelo menos teoricamente - o controle da opinião pública ainda é possível?

NL – O mecanismo de controle da opinião pública se baseia em essência numa visão de mundo, numa visão que começa com o livro do Le Bon, “Psicologia das Massas” e se completa num nível bem superior, na filosofia de Heidegger. Essa capacidade que algumas pessoas têm de impor a realidade foi descrita por Heidegger, que era um filósofo nazista, no

contexto de uma sociedade autoritária. Os autores americanos que inventaram a comunicação pegaram esse princípio construído por uma sociedade autoritária e adaptaram a uma sociedade hegemônica. Numa sociedade hegemônica, você pode ser comunista, desde que ninguém te conheça, desde que você fique no gueto. Quando pensei em comprar o livro do [Noam] Chomsky, que ele escreveu em 1988, pedi para uma pessoa comprar em Nova Iorque. Essa pessoa não encontrou em livraria nenhuma e ninguém sabia quem era o Chomsky. No entanto ele era conhecido mundialmente, é um autor extremamente importante, além de linguista, um teórico político. Então, você pode ser tudo nos Estados Unidos, desde que você fique no gueto. Socialismo nos EUA é uma coisa criminosa, liberal nos EUA é um cara perigoso, revolucionário. É uma sociedade à base da hegemonia. Isso é o controle da opinião pública.



Verdades *Oficiais*

BARÃO DE PINDARÉ JÚNIOR*

Todos somos iguais perante a lei
e os direitos constitucionais são para todos
- os parentes, os amigos e correligionários.

Todos somos inocentes até prova em contrário
alguns são considerados inocentes
mesmo depois de comprovados
os seus crimes contra o erário público.

Repetimos, para que não reste dúvida:
usufruímos de todos os direitos constitucionais
- tortura, nunca mais!!!

e estamos livres de preconceitos
- quem duvida?!?!
e somos cordiais.

Nossos políticos são mais honestos,
nossos banqueiros mais patriotas
e os juristas mais judiciosos.

Nosso céu tem mais estrelas
nossos coqueiros têm mais cocos
nossas galinhas põem mais ovos.

ILUSTRAÇÃO
DIAGRAMAÇÃO

WENDERSON OLIVEIRA
MARIA LUÍZA DINIZ

*Heterônimo do poeta Antonio Miranda, diretor da Biblioteca Nacional de Brasília e professor emérito da UnB



Expediente



Editora – executiva

Márcia Marques

Editores

Ana Carolina Kalume, David Renault da Silva e Paulo Paniago

Editora de Arte

Suzana Guedes

Editor de fotografia

Alan Marques

Reportagem

Dayana Hashim, Isabela Resende, Jessica Gotlib, Lucas Ludgero, Tamara Miranda, Thaísa Oliveira e Vitor Sales

Fotografia

Bruno Prudente, Eduardo Carvalho, João Vitor Schneid, Gabriel Daros, Isabela Resende, Jessica Gotlib e Loyane Alves

Diagramação

Emília Felix, Jéssica Martins, João Vitor Galvão, Laís Sinício, Lucas Santos, Luísa Bretas, Maria Luíza Diniz e Naiara Marques

Arte e Ilustração

Eduardo Carvalho, João Vitor Galvão e Wenderson de Oliveira

Revisão

Lorena Carvalho

Agradecimentos

Ao professor Eduardo Meditsch, da Universidade Federal de Santa Catarina que intermediou o contato com o professor Nilson Lage, entrevistado da edição.

Impressão

Gráfica Coronário

Tiragem

2001 exemplares

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO UNB

Diretor

David Renault da Silva

Departamento de Jornalismo

Wladimir Gramacho

Departamento de Audiovisual e Publicidade

Érika Bauer

Coordenação Comunicação Organizacional

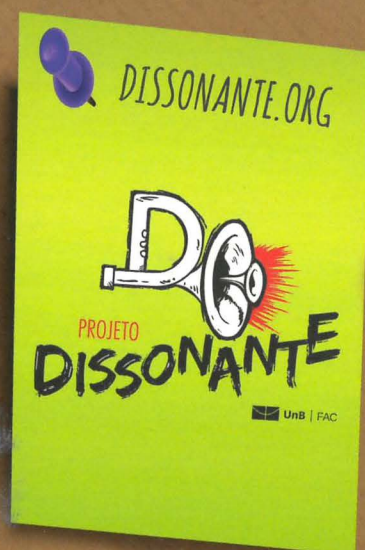
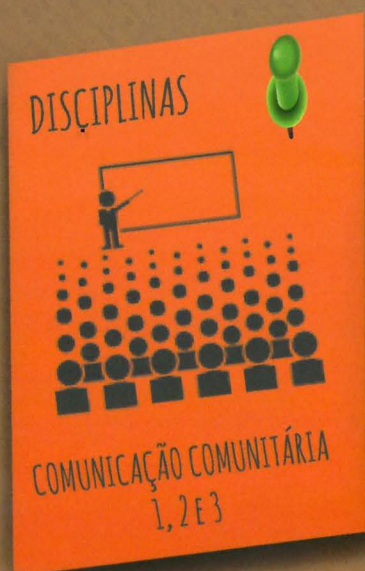
Asdrubal Borges Formiga

Endereço

Campus Universitário Darcy Ribeiro
Faculdade de Comunicação, ICC
Norte CEP 70910-900. Brasília-DF
Tel: (61) 3307.2461 – Caixa Postal 04660
www.fac.unb.br
reportercampus@gmail.com



Programa Comunicação Comunitária



Desde **2002**, desenvolvemos atividades de ensino, pesquisa e extensão, estimulando o diálogo entre saber popular e conhecimento acadêmico. Participe!



[FB.COM/COMCOMUNB](https://fb.com/comcomunb)



comunicação
comunitária

16

Campus Repórter é uma publicação
semestral, produzida por
professores e estudantes das
disciplinas Laboratório Campus
Repórter e Oficina de Diagramação.
Faculdade de Comunicação | UnB
Ano 10, número 16, 2015.

